

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

GABRIEL GOMES DOS SANTOS

INFÂNCIA E TERAPIA: UMA INVESTIGAÇÃO
FENOMENOLÓGICA SOBRE O ENCONTRO TERAPÊUTICO

SÃO PAULO – SP

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

GABRIEL GOMES DOS SANTOS

**Infância e Terapia: uma investigação fenomenológica sobre o
encontro terapêutico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para aprovação no
curso de Psicologia na PUC – São Paulo,
orientado pelo Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli.

SÃO PAULO – SP

2018

AGRADECIMENTOS

A todos os queridos colegas e inestimáveis amigos que, entre boas risadas e profundas conversas, trocaram vivências e amadureceram comigo nesses inesquecíveis anos de graduação.

A todos os professores que me libertaram com a fenomenologia, fazendo um agradecimento especial ao Marcelo Sodelli, o primeiro (e mais importante) a me encantar com o olhar íntimo e atento da fenomenologia, cujos ensinamentos e conversas, tanto como professor quanto colega e amigo, foram de fundamental importância para minha formação como pessoa e psicólogo e que, sem dúvida, me acompanharão ao longo dos anos.

Ao Felipe, cuja grande parceria no núcleo de psicodiagnóstico foi imprescindível para a criação deste trabalho.

À Manoela que, por mais breve que tenha sido sua passagem em minha vida, me ensinou o que é ser humano com o outro. O tempo se esvai, mas o apreço e carinho pelas eternas memórias não se diluem.

RESUMO

Infância e Terapia: uma investigação fenomenológica sobre o encontro terapêutico

Aluno: Gabriel Gomes dos Santos

Orientador: Prof.º Dr.º Marcelo Sodelli

2018

Os desafios encarados pelo bebê *Dasein* e pela criança na conquista de seu poder-ser mais próprio foram pouco exploradas ao longo das trocas entre fenomenologia e psicologia. Este trabalho se propõe a se debruçar sobre tal desafio, percorrendo sobre o fundamento ontológico existencial apresentado na análise do *Dasein*, desvelada ao mundo na obra central de Martin Heidegger que foi *Ser e Tempo* (1927), cujo ser-no-mundo, decaído de início no impessoal, é aberto via compreensão, disposição e discurso, para em seguida meditar sobre as implicações destes existenciais nos primeiros meses do recém-nascido e as lutas da criança na apropriação do poder-ser. Com isso foi possível tecer os sentidos por trás de um encontro terapêutico com Fernanda (nome fictício), uma garota de quatro anos que foi atendida no núcleo de psicodiagnóstico, analisado fenomenologicamente no presente trabalho, cujos resultados mostraram uma criança que se encontrava em um caminho promissor, ampliando seu mundo, se aproximando da sua compreensão de finitude e de apropriação existencial.

Palavras – chave: Fenomenologia, infância, terapia.

Sumário

Introdução	1
Capítulo I – os fundamentos da existência.....	3
Capítulo II – Da precariedade à conquista do poder-ser	16
Capítulo III – O caso de Fernanda	30
Início de cada encontro	30
O brincar organizador de Fernanda	38
O brincar descobridor de Fernanda	45
O desenho de Fernanda	50
Capítulo IV – Discussão	57
Considerações finais	64
Referências bibliográficas	65
Anexo	67

Introdução

Desde o começo dos meus estudos no curso de psicologia na PUC, iniciados em 2014, me encantei pela fenomenologia. Foi tão imediato o interesse que no segundo ano da graduação já fazia parte de um grupo de estudos sobre *Ser e Tempo*, organizado pelo Prof.^o Dr.^o Marcelo Sodelli, no quarto ano participei de um curso de formação clínica em fenomenologia no Instituto *Dasein*, assisti congressos todos os anos, fui monitor de fenomenologia por três semestres e participei de todas as eletivas sobre fenomenologia que o curso oferecia. Todavia, as aulas e discussões mantidas nestes encontros costumavam priorizar o olhar sobre o *Dasein* adulto, tanto saudável quanto estreitado existencialmente, mantendo diálogos sobre crianças e recém-nascidos sob tal perspectiva como assuntos marginais.

Isso pode estar relacionado ao fato que poucos autores consagrados, tanto da filosofia quanto da psicologia, publicaram estudos sobre os existenciais durante os primeiros anos de vida do ser-aí. Todavia, psicólogos se deparam rotineiramente em seus consultórios ou em instituições com a demanda de atender crianças que apresentam problemas de relacionamento, de aprendizagem e restrições das mais diversas ordens, porém, carecendo de embasamentos sobre o encontro originário com a infância em terapia. Isso é tão verdadeiro que eu mesmo me vi diante de tal demanda no núcleo de psicodiagnóstico: no 4º ano da graduação em psicologia na PUC tive a oportunidade de atender Fernanda (nome fictício) com minha dupla, Felipe Blanco, e este encontro me trouxe o seguinte questionamento: estudar sobre os fundamentos ontológicos da existência e sobre os desenrolamentos ônticos do adulto que deve cuidar desta existência é suficiente para conhecer o mundo da criança em terapia?

Ao se debruçar sobre o assunto, se percebe que, cotidianamente, a experiência da infância pode ser de difícil acesso ao *Dasein* adulto justamente por uma série de diferenças que podem ser percebidas já em um olhar inicial. A experiência temporal, a noção de finitude, as disposições afetivas que a tocam e como a tocam, a amplitude compreensiva e as tramas significativas nas quais

ela se mobiliza existencialmente, a confiabilidade em mundo e o quão imersa ela está no discurso impessoal. Basta perceber os medos que as crianças apresentam que para nós, adultos, não parecem fazer sentido como o escuro e os angustiantes mistérios que ele guarda, o desespero abismal que é se perder dos cuidadores em um lugar estranho, a cólera diante da frustração e da falta; a diferença também fica nítida nas experiências prazerosas da criança, em suas brincadeiras que parecem ser intermináveis, em seus desenhos que demonstram imaginação fluida e constante, em seus curiosos questionamentos acerca do mundo cujas respostas nos parecem óbvias.

Um adulto, ao se deparar com tais manifestações, pode se sentir completamente distante do que a criança vive, possivelmente pelo fato de que vivências da infância estão em um passado distante na vida do adulto. Isso não parece ser necessariamente um problema para a maior parte das pessoas, porém, o psicólogo tem a obrigação de se aproximar destas vivências na medida que elas se manifestam. Todavia, a psicologia, em um geral, tende a olhar para crianças pautada em um olhar técnico, objetivo e teórico, carecendo de um repertório de estudos e produções acadêmicas que pavimentem caminho para um encontro mais autêntico com a criança em terapia, como um proveniente do método fenomenológico hermenêutico.

Deste questionamento nasce a ideia do trabalho a seguir. Nele será apresentado sumariamente a fenomenologia hermenêutica heideggeriana através da analítica do *Dasein* explicando as suas condições ontológicas, publicado na obra central de Martin Heidegger que foi *Ser e Tempo* (1927). Em seguida serão mostrados os pensamentos de alguns autores que relacionaram os existenciais heideggerianos com a infância, o que vai sustentar a análise fenomenológica do caso clínico de Fernanda, apresentado na terceira e principal parte deste trabalho.

Capítulo I – os fundamentos da existência

Neste capítulo temos o objetivo de estudar as contribuições do pensamento de Heidegger, mais especificamente as condições ontológicas do ser-aí e algumas implicações ôntico-existenciais.

De acordo com Casanova (2015), o projeto de *Ser e Tempo* envolve um processo de destruição da história da ontologia, ou seja, um processo de flexibilização dos modos de se compreender as possibilidades de ser oriundas de campos significativos sedimentados enrijecidos, tecidos a partir de uma tradição, a partir de uma história. Tal enrijecimento vela o contato com experiências mais originárias, soterrando-as com determinações de ser. Portanto, é a partir deste processo de destruição que se tornará possível a recondução à uma compreensão originária acerca da pergunta do sentido do ser.

Este processo deve “ganhar corpo em sintonia com uma análise da facticidade de toda ontologia; e isto porque é preciso ter clareza quanto à possível interferência do presente fático sobre o despontar histórico das ontologias em geral” (p.85). Isto significa que a destruição da história da ontologia apresentada em *Ser e Tempo* implica na necessidade de um processo que Heidegger (2012) chama de hermenêutica da facticidade. Casanova (2015) aponta como Heidegger implica em tal conexão afirmando que é a partir da hermenêutica da facticidade que será possível a flexibilização dos modos hegemônicos e tradicionais de interpretação, trazendo à tona modos de ser originários, até então velados, em um caminho desconstrutivo. Entretanto:

“uma tal lida desconstrutiva com a ontologia sedimentada no presente, que busca incessantemente se apropriar de possibilidades latentes naquilo que essencialmente se deu e que continua decidindo o caminho de construção do futuro, não pode se realizar em si mesma. Não há como pensar uma ontologia sedimentada sem um ente que se comporta teórica e praticamente a partir do horizonte aberto por uma tal ontologia” (p. 86).

Este ente será designado por Heidegger (2012) a partir do termo ser-aí (*Dasein*), o único ente aberto para a possibilidade de questionar a respeito do seu ser. Portanto, *Ser e Tempo* “é uma obra que encerra em si três subprojetos que trabalham concomitantemente de maneira harmônica em função de um projeto estruturador” (CASANOVA, 2015, p. 79) que são; a destruição da história da ontologia, a hermenêutica da facticidade e a analítica do ser-aí. Este último subprojeto será o mais relevante para o presente trabalho.

Giacioia Jr (2013) desenvolve uma explicação a respeito deste ente que pode perguntar sobre seu próprio ser da seguinte forma:

“*Dasein* é uma palavra composta pelo verbo ‘ser’ (*sein*) e pelo advérbio ‘aí’ (*da*). Em acepção existencial-ontológica, o *Dasein* é ente cuja essência pertence o ser; que existe (é) enquanto *aí* - no aberto, em abertura para o Ser. Essa é a condição ontológica do homem como *Dasein*, como ser-o-aí” (p. 63).

Seguindo o raciocínio do autor, o ser do homem é essa abertura essencialmente, é este “aí”. Giacoia Jr (2013) ressalta que este “aí” não deve ser compreendido como uma localização espacial derivada de um pensamento objetivo e calculante, mas sim como a abertura na qual o ser de todos os entes, inclusive do próprio *Dasein*, pode se manifestar, dando ao *Dasein* uma dimensão de exterioridade, ou seja, colocando-o como um ente que não é encerrado em si. De acordo com Sapienza:

A essência do *Dasein* é sua existência e existir - ek-sistir -, em que a partícula grega *ek* significa o ser fora, implica já o ser ‘fora’ junto ao mundo e implica ao mesmo tempo ser o ‘dentro’ em que há mundo, pois mundo faz parte do *Dasein*. Mundo é constituído pela totalidade de significados, de referências que pertencem ao *Dasein*. A estrutura fundamental que caracteriza o *Dasein* é exatamente esta, o *ser-no-mundo* (2015, p. 39).

É a partir disso que Sapienza (2015) explica como Heidegger, em *Ser e Tempo*, desconstrói a dicotomia sujeito-objeto, decorrente de pressupostos da metafísica tradicional, para tratar sobre o ser como o aí, sem uma divisão dicotômica entre estes. Sapienza (2015) conclui com isso que, a partir desta

noção de existência apresentada por Heidegger, não seria condizente afirmar que o homem possui um mecanismo psíquico, interno, e essencial que é influenciado por um mundo externo a ele. “*Dasein* não sai de uma esfera interna, ele já é sempre ‘fora’ junto aos entes” (SAPIENZA, 2015, p. 39).

Portanto, “*Dasein* não existe isoladamente sem o mundo que habita que, por sua vez, também não existe separado do *Dasein*” (SODELLI, 2016, p. 64). Cabe ressaltar que, aqui, mundo não é um conjunto de entes, “não é a totalidade dos objetos de representação, atuais ou possíveis; o mundo constitui o ser-o-aí, como a ambiência no interior do qual transcorre sua existência irremissível, em diferentes planos de relação” (GIACÓIA JR, 2013, p. 72).

Esta condição fundamental do *Dasein* implica, de acordo com Casanova (2015), na impossibilidade de atribuir ao homem uma determinação essencial que sintetize o ser do ente em si mesmo, que ele é como se faz com um ente natural. Pelo contrário, o ser-aí não é, essencialmente e originariamente, nada além de sua existência, tendo sempre que ser a partir de suas próprias possibilidades, de seu poder-ser e não a partir de uma determinação quiditativa. Nas palavras de Giacóia Jr “sua essência consiste em indefinidas possibilidades de ser. Como poder-ser, ele é essas mesmas possibilidades” (2013, p. 71).

Sodelli (2016) explica que justamente por ser este poder-ser aberto e em jogo o homem é responsável pela sua existência, pela concretização de seu poder-ser, tendo sempre que cuidar de ser. Encarregado deste cuidado, o homem está inexoravelmente tendo sempre que se ocupar com a sua existência dando significado a esta, aos outros a sua volta e aos entes que lhe vêm de encontro.

Entretanto, mesmo sendo ontologicamente indeterminado e assim encarregado de cuidar de ser, o *Dasein* se vê de início e na maioria das vezes já decaído em um mundo, em uma lógica de ocupação em relação àquilo que se manifesta em sua vida. Em outras palavras, o ser-aí já se vê lançado em campos de uso dos entes que, mesmo apesar da indeterminação originária do ser-aí,

não são campos desprovidos de determinação, nos quais o ser-aí constrói ao seu bel-prazer as suas relações. Eles são antes campos significativos sedimentados, dos quais cada ser-aí

recebe incessantemente indicações para a constituição de seus comportamentos em geral (CASANOVA, 2015, p. 93).

Portanto, Heidegger (2012) afirma que justamente para que o poder-ser concretize um projeto existencial ele precisa que possibilidades se apresentem em um determinado mundo, sendo ele ser-no-mundo. Para explicar tal implicação ontológica do ser-aí, Heidegger usa o termo decair, que é este estar junto ao mundo da ocupação em meio aos entes.

A decadência constitui o modo cotidiano de ser-no-mundo. Ainda que seu existir consista em ser aberto nas e pelas possibilidades em virtude de si mesmo, em virtude de seu poder-ser mais próprio, o *Dasein* decaído se extravia de seu poder-ser-si-mesmo próprio, ele se perde na impropriedade do impessoal, ou seja, naquilo que chamamos de “todo mundo”, de “a gente” (SAPIENZA, 2015, p. 52).

Nos apropriamos aqui dos apontamentos de Casanova (2015) para sintetizar este jogo entre a abertura do ser-aí e os estreitamentos decorrentes entre o encontro que é ser-no-mundo: o *Dasein* é um ser aberto e indeterminado, porém esta abertura age justamente como base para um processo de familiarização com um mundo fático no qual ele se vê inicialmente lançado e é a partir desta familiaridade que ele construirá sua dinâmica existência, que ele conquistará seu poder-ser projetando-se em um campo existencial.

No entanto, sendo o ser-aí um ente decaído em um mundo com uma dada lógica de ocupação, o que Heidegger chama em *Ser e Tempo* de impessoal ou a-gente tende a exercer um papel preponderante na projeção do campo existencial do ser-aí. Portanto o *Dasein* é “de início e na maioria das vezes em virtude de seu mundo, em virtude do impessoal como caráter próprio a esse mundo, e não em virtude de seu próprio poder-ser” (CASANOVA, 2015, p. 105).

De acordo com Heidegger (2012), um dos fundamentos ontológicos do *Dasein* é ser-com-os-outros. Existindo e se ocupando também daqueles à sua volta imerso em um determinado contexto histórico, o ser-aí é de imediato inserido no impessoal sendo distanciado de si mesmo. Ao viver com os outros, o homem se ocupa do modo-de-ser da mediania que o afasta de sua abertura

originária como poder-ser nivelando todas as suas possibilidades-de-ser em um cotidiano marcado por uma impropriedade em relação ao seu próprio ser. Assim, o impessoal passa a impressão de suspensão da responsabilidade do *Dasein* em relação ao seu poder-ser por delimitar claramente o campo de possibilidades no qual o *Dasein* se projeta, por escolher por ele o caminho a ser trilhado, escondendo seu ser que está sempre em jogo:

A-gente alivia assim, cada vez, o respectivo *Dasein* em sua cotidianidade. Não só isto: com esse alívio-de-ser, a-gente vem ao encontro do *Dasein* na medida em que satisfaz sua tendência para tomar as coisas de modo leviano e para torná-las fáceis. E porque a-gente, com o alívio-do-ser, vem constantemente ao encontro do *Dasein*, mantém seu domínio e consolida-o tenazmente (HEIDEGGER, 2012, p. 367).

Portanto, de acordo com Casanova (2015), o ser-aí é tragado pela cotidianidade mediana, por uma determinada compreensão de ser sedimentada que é fundamentada a partir de um processo histórico fornecendo possibilidades de sentidos que se darão nos campos apresentados pelo impessoal. Ele é constantemente instruído em relação ao modo que ele pode construir o projeto existenciário que ele é. Inclusive, pelo caráter sedutor e aliviante do impessoal, muitas vezes ele assume também uma postura ditatorial, trazendo ao ser-aí o risco de se perder no que é chamado de a ditadura do impessoal.

Em meio a essa ditadura o ser-aí “obedece cegamente o discurso de ‘a gente’, numa modulação de impropriedade” (SODELLI, 2016, p. 69), o que não só facilita as questões existenciais que o *Dasein* deve lidar mas ditando como elas devem ser lidas, que é da forma que a gente lida. Assim se apresenta um *Dasein* impróprio que se “desresponsabiliza por sua existência e por seu projeto, experimentando um mundo previsível e organizado, no qual as coisas seguem numa certa sequência de acontecimentos, praticamente naturalizados” (SODELLI, 2016, p.69).

Sintetizando, Giacoia Jr clarifica o existir a partir da herança do impessoal de uma forma mais concreta dizendo:

o ser-o-aí, desde sempre, advém na linha temporal de um passado histórico que o precede, como membro de uma dada família e sociedade, em um ponto do espaço prévio a toda deliberação ou escolha. Isso condiciona, em grande medida, seu presente, a partir do qual se abrem as possibilidades futuras, às quais ele pode também permanecer alheio, alienado nas malhas do impessoal (GIACOIA JR, 2013, p. 79).

Pois bem, depois desta elucidação da tenacidade ditatorial do impessoal, tão potente em delimitar como a vida deve ser vivida, cabe a seguinte pergunta: está o ser-aí condenado ao modo-de-ser impróprio? Está ele fadado a ser sugado pelo cotidiano que o cerca sem perspectiva de singularização? Afinal, como será de fato construída a dinâmica existencial do ser-aí a partir da decadência no impessoal?

Como tem sido apresentado até então, Heidegger (2012) trata do ser do homem como ser-aí que é aberto para o mundo, para um “horizonte a partir do qual o ser-aí incessantemente se relaciona com os entes intramundanos, com os outros seres-aí e consigo” (CASANOVA, 2015, p. 106). Entretanto, por mais que esta abertura se dê, ontologicamente, via impessoal, ela também se dá via compreensão dispositiva, articulada por meio do discurso. Nas próprias palavras de Heidegger (2012, p. 455), “a entendibilidade do encontrar-se do ser-no-mundo exprime-se como discurso”. Introduziu assim três instâncias fundamentais da analítica do *Dasein* apresentada em *Ser e Tempo*: compreensão ou entender, disposição ou encontrar-se, e discurso.

Casanova (2015) explica que o ser-aí está lançado no mundo e tal condição ontológica também implica que o ser-aí sempre se encontra em seu mundo a partir de um modo, de uma estrutura que acompanha toda a dinâmica existencial do ser-aí. Esta estrutura é o encontrar-se, a disposição a partir da qual *Dasein* se abre para os entes em uma determinada totalidade remissiva desvelada. Chamamos de tonalidade afetiva o descerrar ôntico e cotidiano da estrutura ontológica que é a disposição, esta atmosfera a partir da qual tudo se mostra em uma certa afinação com *Dasein*. Em suma, é pela disposição “que as coisas são descobertas, como boas, temíveis, indiferentes, interessantes,

ameaçadoras, etc. É o homem existindo no mundo, sempre à luz de uma tonalidade afetiva” (SODELLI, 2016, p. 66).

Uma pessoa triste é envolvida pela tristeza de tal modo que o mundo que vem ao seu encontro se abre a partir da tristeza em uma atmosfera que não apresenta qualquer possibilidade que não esteja afinada à esta disposição. Da mesma forma, uma pessoa feliz se encontra no mundo afetada por tal afinação de tal modo que o mundo afinado à tristeza se vela, desvelando as possibilidades decorrentes desta outra afinação. Para uma pessoa temerosa os entes intramundanos que vêm ao seu encontro se manifestam de tal forma que ameaçam o seu ser, abrindo um mundo que lhe afeta a partir da própria temerosidade, e assim por diante. Concluindo, Heidegger (2012, p. 393) discorre sobre como o encontrar-se afeta o modo que mundo se abre para o *Dasein* da seguinte forma:

Essa afetabilidade se funda no encontrar-se que como tal abriu o mundo, por exemplo, como ameaçador. Somente o que é no encontrar-se do medo ou do destemor pode descobrir o utilizável do mundo-ambiente como ameaçador. O ser do estado-de-ânimo do encontrar-se constitui existencialmente a abertura do *Dasein* para o mundo.

Porém, há um outro existenciário que acompanha o modo que mundo se abre para o *Dasein* além do encontrar-se. Entramos agora no próximo existenciário que é a compreensão. “A compreensão é um existencial que acompanha a própria constituição do ser-aí enquanto poder-ser e que projeta originalmente o campo existenciário, a partir do qual esse poder-ser pode ser desdobrado” (CASANOVA, 2015, p. 113). O ser-aí não se vê apenas lançado em seu mundo fático, simplesmente absorvido por significados sedimentados provenientes de uma existência no seu mundo fático. Heidegger (2012) explica que, por compreender, a significatividade de mundo se funda no *Dasein* para que ele exerça e concretize seu poder-ser a partir do horizonte de possibilidades que a compreensão embasa. Para tornar este ponto mais claro, pode-se dizer que o *Dasein* se projeta no mundo e se abre a ele via compreensão justamente porque o compreender, “como poder-ser, tem ele mesmo possibilidades que são

previamente delineadas pelo âmbito de tudo o que nele possa ser essencialmente aberto” (p. 415).

Sumarizando e clarificando ainda mais este existencial tão enraizado na constituição ontológica do *Dasein*, Sapienza (2015) apresenta o compreender como existenciário do poder-ser da seguinte forma:

Compreender é projetar-se, é lançar-se para, mas não se trata de fazer planos; é abrir-se para possibilidades enquanto possibilidades. Compreender é o projetante estar voltado para um poder-ser em virtude do qual *Dasein* existe. Com igual originalidade, o compreender projeta o *Dasein* para um em-virtude-de-si-mesmo e também para a totalidade de significados que constitui a significatividade ou mundanidade do mundo. O caráter projetivo do compreender constitui a abertura do aí. *Dasein*, como ser-no-mundo é sempre uma abertura compreensiva (p. 51).

Com isso se esclarece, a partir de Casanova (2015), como o impessoal não age exclusivamente como uma implacável ferramenta uniformizante. O papel do impessoal é demarcar com estabilidade o ser das coisas e em virtude do que elas são manifestadas no projeto existencial de determinado mundo compartilhado, dando orientações em relação aos campos de sentidos existenciais possíveis a partir de uma totalidade referencial vigente. O ser-aí se articula compreensivamente neste mundo compartilhado, de início e na maioria das vezes, em virtude deste mundo, do impessoal. Porém, como esta articulação compreensiva do ser aí com o mundo compartilhado está fundamentada no caráter de poder-ser do ser-aí, “não há como suprir em sua relação com o mundo fático uma certa plasticidade que se enraíza em si mesmo como poder-ser” (p. 115). Portanto, por mais que o *Dasein* exista em virtude do mundo, o projeto existenciário do ser-aí sempre está baseado no próprio caráter de poder-ser e o em-virtude-de sempre está relacionado também com o ser-aí.

É de extrema importância ressaltar que, ainda seguindo o pensamento de Heidegger (2012), a compreensão é de mesma originariedade que a disposição (encontrar-se). Sodelli (2016) aponta que “a compreensão do homem em relação

às coisas é sempre emocionada” (p. 66). Com esta passagem podemos retomar que, da mesma forma que o *Dasein* se abre para seu poder-ser sempre via compreensão, o encontrar-se sempre delimita a tonalidade afetiva a partir da qual tal abertura do mundo se dá, na qual ser-aí pode se projetar como poder-ser. Portanto, “compreender em sentido ontológico é encontrar-se em uma disposição básica de abertura compreensiva” (GIACOIA JR, 2013), é sempre compreensão dispositiva.

Todavia, a compreensão dispositiva não é suficiente para abarcar a totalidade fundamental do ser-aí. Giacoia Jr (2013) denota claramente como *Dasein* compreende dispositivamente um sentido de ser, porém, este sentido deve estar articulado de alguma forma, ou seja, o que vem-a-ser deve ser manifestado, enunciado de alguma forma para que o desvelamento de ser finalmente seja trazido à luz. A articulação desse sentido se dá na próxima estrutura existencial do *Dasein* a ser aqui apresentada: no discurso. “Na condição de ser-o-aí, o homem habita a morada do Ser, a linguagem. Ao falar, ele traz à luz, manifesta o que os entes são em suas respectivas essências; assim, ele exhibe, desvela os entes em seu ser” (p. 77).

Vamos agora à fonte deste pensamento para mais rigorosamente discorrer sobre o fundamento ontológico-existencial da linguagem que é o discurso. “A entendibilidade do encontrar-se do ser-no-mundo exprime-se como discurso” (HEIDEGGER, 2012, p. 455). Com esta passagem de *Ser e Tempo* o autor introduz a explicação acerca do caráter do discurso que, como articulação da compreensão-dispositiva, fundamenta e se dá antes de qualquer forma de interpretação ou de enunciação ôntica pois é a elucidação direta do sentido, do todo-de-significação da compreensão dispositiva que acontece originariamente na existência do *Dasein*. O discurso, portanto, compartilha o caráter de condição ontológica do *Dasein* com a compreensão e com a disposição afetiva. Apenas no descerramento ôntico do ser-aí que, posteriormente, o discurso acede à palavra, assumido a forma do seu ser-expresso na linguagem.

Como síntese do que foi apresentado até então, retomamos a pergunta com a qual foi introduzida a explicação sobre compreensão, disposição e discurso: como será de fato construída a dinâmica existencial do ser-aí a partir da decadência no impessoal? Em suma e em sintonia com o pensamento de Heidegger (2012), a dinâmica existencial se dá via compreensão dispositiva do

ser-no-mundo que exprime-se como discurso. Nas palavras de Casanova (2015), impessoal, compreensão dispositiva e discurso se interligam na totalidade da analítica do *Dasein* da seguinte forma:

Todo campo existencial, ou seja, todo campo de realização do poder-ser de cada ser-aí, é, portanto, um campo dispositivo-compreensivo. Esse caráter próprio aos campos existenciais como um todo descreve, por sua vez, a vida do discurso. Descerrar compreensivo-dispositivamente o campo do que é existencialmente interpretável é trazer à tona uma miríade de caminhos que já contam desde o princípio com a semântica sedimentada do mundo fático e que não são senão expressão dessa semântica. Ao desempenharmos a mais mínima de nossas competências existenciais, damos voz a uma possibilidade discursiva do mundo (p. 117).

Aqui se encerra a primeira parte da apresentação sobre o ser do homem, caracterizado como o ser-aí, e sobre como se dá sua abertura e sua mobilidade existencial nesse aí. Está claro também que, de início, o ser-aí como poder ser foge de si decaindo nos campos de ocupação impessoais se extraviando de seu caráter de abertura e de poder-ser, levado por uma atmosfera cotidiana e familiar que alivia sua negatividade ontológica. Ser aberto não significa necessariamente que é reconhecido como tal. “Em sentido ôntico-existencial, o *Dasein*, no mais das vezes, esquia-se de ser aberto no estado-de-ânimo” (HEIDEGGER, 2012, p. 387) e deste modo o aí se abre por meio da esquia, velando seu estado de entregue à responsabilidade existencial.

Nos aprofundando ainda mais neste ponto, Casanova (2017) explicita a importante distinção entre os estados de ânimo ou, como o autor coloca, as tonalidades afetivas fundamentais e superficiais da seguinte forma: as superficiais são aquelas que, paradoxalmente, abrem mundo para logo em seguida nos absorvem no mundo aberto por elas, velando o caráter de mundo do nosso existir. Enquanto isso, as fundamentais “retêm muito mais o aberto enquanto aberto” (p. 81), ou seja, elas abrem o mundo a escancarando o caráter fundamental do ser-aí que é a abertura ela mesma.

Resumindo, os estados de ânimo não concernem apenas à uma absorção no mundo fático e muito menos mantêm um relacionamento exclusivo com os entes intramundanos. O *Dasein* pode se abrir no mundo também pelas tonalidades afetivas fundamentais, ou seja, pelas tonalidades afetivas que concernem ao seu fundamento existencial como poder-ser, e a mais fundamental destas é o que Heidegger chama de angústia:

Não se trata de temor ou ansiedade pela perda de um objeto presente ou virtual, pela cessação de um estado de coisas, mas um ânimo que abrange todas as possibilidades de ser do ser-o-aí em sua raiz: a tensão entre ser-si-próprio e perder-se, desgarrar-se, a possibilidade sempre presente de faltar a si (GIACOIA JR, 2013, p. 75).

Diferente das tonalidades afetivas ônticas, nas quais o diante de quê se refere a entes intramundanos como no caso do temor onde se sente temor diante de um ente que ameaça o meu suposto ser, “o diante-de-quê da angústia é o ser-no-mundo como tal” (HEIDEGGER, 2012, p. 521), é o seu caráter de poder-ser em toda sua indeterminação ontológica. Casanova (2015) elucida que o ser-aí angustiado rompe com a tendência à impropriedade do impessoal onde se foge de si nas ocupações cotidianas e, conseqüentemente, o ser-aí passa a se projetar compreensivo-dispositivamente em-virtude-de seu poder-ser mais próprio. O poder prescritivo do mundo fático e suas significações sedimentadas são suspensas, os campos de sentido armados pelas orientações sedimentadas do mundo a partir do qual o ser-aí se mobiliza se obscurecem, a possibilidade de operacionalização da existência se esvai e, assim, se abre a possibilidade de conquista do modo de ser do ser-aí como cuidado.

Explicando de forma mais clara, o ser-aí angustiado, ao entrar em contato com sua abertura originária, com sua condição ontológica de indeterminação, recupera a sua responsabilidade de cuidar de si que ele desonera ao decair nas tramas cotidianas do impessoal. Os sentidos ditados pelo impessoal a partir do qual as pessoas se mobilizam no mundo, sem questionar, são perdidos e o sentido do ser é colocado em questão pois, prontamente, se desvela sua

ausência radical. Nas palavras de Sodelli (2016), “a partir desta dimensão a vida ganha peso, gravidade” (p. 66) e, na manifestação do sentido em sua ausência, o ser-aí é convocado a se rearticular em-virtude-de seu poder-ser, descobrindo o seu si mesmo singular.

A morte tem um papel fundamental no desvelamento da angústia no que Heidegger chama de ser-para-a-morte. “Neste conceito, a morte é considerada não como o fim concreto do *Dasein* na hora em que ele morre, mas o morrer como um conceito existencial” (SAPIENZA, 2015, p. 58). Giacoia Jr (2013) explica a relação entre a compreensão da finitude do ser-aí com a abertura para um poder-ser mais próprio da seguinte forma:

Ninguém existe no lugar de outra pessoa, ninguém morre a não ser a própria morte. A condição de ser-para-a-morte é o chamado do *Dasein* para a sua mais radical autenticidade. Por isso, a culpa e a morte são os chamamentos inapeláveis da consciência moral, que é a voz de nossa culpa originária, de nossa condição de estar sempre em falta com relação ao nosso poder-ser, a cada momento de nossa existência (p. 82).

Clarificando a passagem acima, o ser-aí como poder ser e, concomitantemente, como finito, sempre estará culpado, sempre estará em uma relação de dívida com o seu próprio ser pois, por não ser nada originariamente, se encontra em um estado de sempre ter de cuidar do ser, de ser algo, sabendo que nunca serão esgotadas suas possibilidades de ser devido a sua condição de finitude. Por conseguinte, na angústia o ser-aí antecipa a sua própria morte e, exclusivamente à luz desta disposição afetiva fundamental, se abre a possibilidade de um projeto com vistas a sua condição ontológica de culpa. Ele é assim bruscamente convocado pela voz da consciência a se apropriar de sua existência.

Sintetizando o que foi apresentado acerca do cuidado até então, esta condição ontológica pode se modular como cuidado impróprio, como foi dito mais inicialmente neste capítulo, que se faz em-virtude-do impessoal caracterizando a desoneração do *Dasein* em relação ao seu projeto de ser. Além disso o cuidado

também pode se modular como próprio, em-virtude-do caráter de poder ser do *Dasein* que é sempre culpado e finito.

Todavia, o aspecto mais fundamental do cuidado existencial é que ele é temporal, e não a partir da noção de tempo cronológica e objetificada, mas sim a partir da experiência originária do tempo. Assinala Sodelli (2016) que o *Dasein* sempre se dá em um movimento extático que unifica o passado, o presente e o futuro:

O futuro é uma antecipação, o passado, a retomada do que uma vez foi possível, e o presente, o instante da decisão. Fenomenologicamente, o passado ainda está no presente, no presente está comprimido o passado, como no passado antecipa-se o futuro (p. 69).

Estes são os desafios que todos nós encaramos como ser-aí, como existentes, e que a criança também encara. A criança também terá a responsabilidade de cuidar de si, como culpada e finita, decaída em um impessoal, enquanto se projeta existencialmente compreensivo-dispositivamente, articulando tal compreensão por meio do discurso, se dando no tempo. Porém, como isso se apresenta para a criança? Como os existenciais aqui elucidados se manifestam nos anos iniciais de uma vida?

Capítulo II – Da precariedade à conquista do poder-ser

Tendo esclarecido os fundamentos da existência a partir da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, mergulharemos agora em uma reflexão acerca de como se dá a desafiadora trajetória que o bebê e que a criança percorrem na conquista da abertura de um horizonte de sentido mais singular. Este é um longo e sinuoso caminho que eventualmente poderá lançar o *Dasein* à sua condição de finitude, de angustiante indeterminação e de ter sempre que conquistar seu ser diante de tal indeterminação, podendo trazer frustração e sofrimento mas libertando-o para um modo-de-ser mais próprio.

Início, porém, esta reflexão com a seguinte observação: Heidegger dedicou o foco de sua fenomenologia ao *Dasein* maduro, ao “*Dasein* que já se ganhou como *Dasein*, que conquistou a noção da sua finitude, lidando com seu ser-para-a-morte, existindo de certo modo e atribuindo sentido à sua existência” (ALBERTIN, 2010, p.24). Portanto, poucos psicólogos e pensadores se ocuparam da tarefa de escrever sobre um encontro com o fenômeno da infância em uma instância originária trilhando o caminho metodológico da fenomenologia hermenêutica heideggeriana.

Além disso, como foi trazido à luz no capítulo anterior, *Dasein* se mobiliza existencialmente, de início e na maioria das vezes, em um horizonte de sentido impessoal. Neste horizonte no qual habitamos atualmente há uma hegemonia de um pensamento técnico, calculante e a infância não escapa da tenacidade de tal olhar. Portanto, o estudo proposto aqui vai na contramão da tendência atual, esclarecida por Glaser (2012), de entender o nascimento humano e os movimentos decorrentes dele dentro de uma estrutura de pensamento científico-naturalista regida por leis.

Muito pelo contrário, aqui será assumido o desafio de, como foi apontado por Cytrynowicz (2000a), romper com categorias de desenvolvimento que agem como padrões de normalidade, apresentados em diferentes correntes teóricas da psicologia, que unificam todos os humanos em um princípio científico. Usando a compreensão apresentada em Ser e Tempo acerca dos princípios ontológicos da existência, nos libertaremos de explicações teóricas-científicas-psicológicas

para um encontro mais aproximado do fenômeno infância em sua particularidade. Como foi colocado mais rigorosamente por Loparic (2007), vamos entender o *Dasein* bebê e criança a partir de uma interpretação básica fundamental-ontológica do próprio *Dasein*, e não como doutrina ôntica.

Pois bem, já sabemos que o *Dasein* de início decai na impropriedade do impessoal, se distanciando de sua condição originária de poder-ser. Portanto, em um primeiro momento, o *Dasein* vêm ao mundo de forma imprópria, como mais um ente entre os outros. Pensemos agora neste fenômeno a partir do *Dasein* recém-nascido, que é justamente este *Dasein* em um primeiro momento. Ele se manifesta a partir de uma condição que Sister (2011) chama de precariedade, condição na qual o *Dasein* bebê se encontra completamente à mercê do cuidado do mundo para ser e continuar sendo, incapaz de construir um sentido de existência que sustente a noção de um si mesmo, precisando do outro para isto.

Portanto, ainda seguindo a reflexão da autora, se pode observar o fenômeno do decair no recém-nascido talvez pela sua impossibilidade inicial de “construir um sentido de realidade que o faça sentir sendo si mesmo” (p. 25).

Por que tal reflexão é de grande importância para o trabalho aqui apresentado? Porque mesmo que o *Dasein* bebê é inicialmente tragado por um campo existencial impessoal no qual ele é tido como mais um ente entre os outros, ele não pode ser confundido como um ente encerrado em si, desprovido de mundo. Ele é ontologicamente ser-no-mundo e tem em seu fundamento existencial o potencial para conquistar seu poder ser. Finalmente, o bebê *Dasein* está aberto para o mundo e não podemos “incorrer no erro de que o recém-nascido recebe passivamente esta apresentação do mundo, mas sim, por meio de sua compreensão-dispositiva” (GLASER, 2012, p. 36).

Loparic (2007) nos mostra claramente como o bebê se agita, chora e se movimenta em direção ao mundo a partir de suas possibilidades. Assim se percebe claramente uma intencionalidade em seu existir e um afetar-se pelos entes que vêm ao seu encontro, fundamentados por uma compreensão-dispositiva.

Sintetizando, dentro da fenomenologia hermenêutica heideggeriana, pelo fato de que *Dasein* constitui a base existencial do humano, o recém-nascido também é poder-ser, aberto compreensivo-dispositivamente ao mundo, compartilhando de todos os existenciais que o *Dasein* adulto descerra onticamente. Entretanto, ele chega ao mundo em uma condição inicial precária, dependente do cuidado de mundo, que o leva imediatamente à uma modulação imprópria em relação a esta condição originária de poder-ser, impossibilitando-o a princípio de conquistar seu ser.

Assim, “evidencia-se a compreensão de que o *Dasein* não nasce um existente, mas se torna um, na medida em que se questiona e vai a busca do sentido de sua existência” (SAITO, 2017, p. 30). Seguindo este pensamento, alguns pilares se tornam fundamentais para a manifestação do *Dasein* que compreende sua existência em sua facticidade e que se mobiliza existencialmente como o poder-ser que ele é. Um destes pilares é a presença de um outro, de um cuidador humano.

Glaser (2012) aponta que, sendo o bebê um *Dasein*, ele é ontologicamente ser-com-os-outros, e é pelo intermédio destes outros que assumem o papel de cuidador na vida do recém-nascido que um determinado campo de jogo existencial fático se apresentará onde o bebê poderá consolidar sua relação com seu ser. “O ser humano, recém-chegado ao mundo, tem de se projetar a partir de uma herança comum” (p. 35) e esta herança se apresentará por meio do cuidado dos cuidadores.

Cabe aqui recuperar a origem do pensamento heideggeriano sobre o *Dasein* como ser-em:

em alemão, *in*, em, provém de *innan* = morar, *habitare*, demorar-se em; ‘an’ significa estou acostumado, familiarizado com, cuido de algo, tendo a significação de *colo*, no sentido de *habito* e *diligo*. Esse ente ao qual pertence o ser-em entendido dessa maneira, nós já o caracterizamos como o ente que sou cada vez eu mesmo. Em alemão *bin* (sou) é conexo a *bei*, de sorte que *ich bin*

(eu sou) significa, por sua vez, moro, detenho-me em... o mundo como familiar deste ou daquele modo. Ser, como infinitivo de 'eu sou', isto é, como existenciário, significa morar junto a... ser familiarizado com... (HEIDEGGER, 2012, p. 173).

O que Heidegger nos apresenta nesta passagem crucial de *Ser e Tempo*? Ele traz à luz com forte rigor fenomenológico o fato que o *Dasein* de pronto habita, mora junto a um mundo familiar, ao qual ele está acostumado. Desenvolvendo o pensamento, o autor demonstra que tal familiaridade é construída via imersão em uma lógica de ocupação na qual os entes vêm de encontro formando uma totalidade significativa que abre a formação de uma trama remissiva, constitutiva de tal familiaridade de mundo e fundamentando um campo projetivo:

ser-no-mundo significa o absorver-se atemático do ver-aoredor nas remissões constitutivas da utilizabilidade do todo-instrumental. O ocupar-se já é cada vez como ele é, sobre o fundamento de uma confiante familiaridade com o mundo (HEIDEGGER, 2012, p. 231).

Voltemos agora à reflexão feita até então acerca do *Dasein* bebê. O ser-em recém-chegado ao mundo tem a tarefa de fundamentar esta familiaridade com o mundo, via uma lógica da ocupação junto aos outros, e isto se dará inicialmente sob os cuidados do cuidador, ou melhor colocado figurativamente, no colo do cuidador, sendo que colo aqui se mantém no sentido da citação acima de cuidar de algo. Clarificando:

estando no mundo, o bebê *Dasein* vai se ocupando dos entes que vêm a seu encontro: mamando, chupando chupeta, ficando no colo, tomando banho, trocando a fralda, brincando. É dessa forma, por meio do cuidado que

recebe de outro ser humano, articulado a sua compreensão, que o bebê *Dasein* tem a possibilidade de acessar os entes, de relacionar-se com estes e com outros seres-aí, de sentir-se real, de tornar-se si mesmo, enfim, de tornar-se existente e construir um sentido de realidade. (SAITO, 2017, p. 32).

Explorando mais adentro as condições de possibilidades a partir das quais o bebê se ocupa de mundo, Sodelli & Glaser (2016) esclarecem que, por mais que o bebê comece a se realizar onticamente como o *Dasein* que ele é, ele o fará inicialmente em um mundo um tanto incipiente, atribuindo ao bebê recém-nascido um caráter de dispersão originária. Com esta reflexão, os autores demonstram como o bebê se encontra espalhado neste estado, carecendo de um sentido de si mesmo, de espaço e de tempo. Assim, ele vai se

ocupando do mundo de maneira indeterminada, momento este que poderia ser chamado de “temporalidade do instante”. Nesta temporalidade, marcada pela fugacidade/transitoriedade, o bebê ainda não se encontra no presente, tampouco criou algum passado, assim como não se abriu para o futuro (p. 71).

Diante deste modo de se ocupar que o bebê mobiliza existencialmente dentro de suas possibilidades iniciais, carecendo ainda de uma ancoragem em um sentido de mundo, o cuidador precisa ir de encontro ao bebê de uma forma que facilite a ampliação deste movimento existencial inicial. Saito (2017) esclarece apontando a postura do cuidador como uma que estabelece contato a partir dos momentos espontâneos do bebê, almejando que suas experiências sejam vividas como reais. Assim, ele assume a tarefa de “cuidado repetido e contingente na exata medida das necessidades e sensações do bebê, as quais vão se tornando reais para ele” (p. 33) de tal maneira que o cuidador se mantém afinado à temporalidade fugaz do recém-nascido, facilitando a ampliação de

compreensão de mundo por meio de um cuidado que se dá em sintonia com as possibilidades compreensivo-dispositivas do bebê.

Colocando de forma mais clara, como Albertin (2010) aponta, o acontecer se dá de forma gradual e os cuidadores, preocupados em proteger o bebê da imensidão do mundo, vão apresentando uma quantidade restrita de entes na medida que o bebê permite, transitando entre momentos despertos e em repouso, de ser e de não ser, buscando sustentar o que Sister (2011) apresenta como vivência de continuidade da presença, a partir da qual “algum sentido vai se constituindo que é esse de continuar sempre sendo” (p. 27).

Ainda em linha com a autora, a partir deste cuidado que presentifica, o bebê é apresentado a presenças e ausências de diferentes mundos. O colo do pai se apresenta e se ausenta, o seio da mãe faz o mesmo, a sensação morna de um banho que dura por um momento e que é seguido pelo aconchego de uma toalha nas mãos de um cuidador, a breve e acolhedora canção de ninar da avó e assim por diante. Um primitivo sentido de tempo começa a se instaurar na vida do recém-nascido entre este transitar de diferentes espaços e presenças, uma mundanidade de mundo começa a se desvelar neste ocupar-se inicial.

É neste sentido que se afirma sobre a importância de uma rotina na vida do bebê. Sodelli & Glaser (2016) explicam claramente como, por meio de sucessivas repetições de experiências semelhantes, uma certa familiaridade com um mundo se instaura. Se antes uma vivência de estranhamento de mundo predominava na existência do bebê, em seguida certas coisas se tornam habituais e cotidianas, permitindo que gradualmente mais objetos e vivências possam ser apresentadas ao bebê, respaldado por uma crescente familiaridade com o mundo. Um tempo existencial se constrói neste acúmulo de experiências semelhantes: com o pequeno referencial de vivências se sustenta o que se pode entender como uma primeira experiência de passado e, além disso, uma certa previsibilidade de acontecimentos se mantém em um breve futuro, enquanto o bebê vive o cuidado que se presentifica.

Concomitante à tomada de sentido de tempo, se realiza o existencial de espacialidade, por estarem ambos

extremamente articulados. A aquisição da espacialidade se refere ao sentido de habitar, que se desdobra na possibilidade de se sentir em casa, de sentir que se tem um lugar para o qual se possa voltar (se refugiar, descansar), de se sentir acolhido e seguro no mundo. (GLASER, 2012, p. 41).

Notamos prontamente aqui o desvelamento do bebê como ser-em. Neste cuidado o bebê vai se absorvendo em um mundo que ele passa a habitar com confiante familiaridade, se ocupando em uma dada medida dos entes que lhe são apresentados. Assim, gradativamente, o colo no qual o bebê exerce seu habitar estando acostumado vai se expandindo, começando com o colo materno, que passa a abrigar o berço, o quarto, a sua casa e, assim por diante, vemos uma crescente mobilidade existencial compreensivo-dispositiva pavimentada pela importante familiaridade de mundo, respaldado pelo contínuo zelo do cuidador.

Neste sentido, a condição de precariedade do bebê começa a desvanecer e, vagarosamente, se abre a possibilidade da compreensão de um si mesmo em um mundo. Todavia, ainda é de extrema relevância,

nesse descolamento da dependência absoluta em direção à construção da autonomia, o cuidador estar sempre presente e disponível para o retorno da criança, na medida em que pode ser assustador demais para a criança este movimento de estar fora e não poder retornar (SAITO, 2017, p. 34).

Cabe retomar neste ponto do trabalho que, por mais que seja imperativo esta expansão por parte do bebê na conquista da compreensão de um *Dasein* existente, este movimento ainda se dá no que apresentamos no capítulo anterior como decair. Com isso, se ressalta que esta expansão de mundo se dá em meio a tramas impessoais, em uma modalidade imprópria, pois o bebê ainda não

conquistou a possibilidade de um modo-de-ser mais próprio. Ainda temos alguns passos para caminhar.

Muito bem, trilhamos até aqui um primeiro trajeto necessário na construção de um ser-no-mundo que se compreende como tal. Um trajeto onde, acompanhado pelo cuidador, o bebê *Dasein* transita entre momentos de ser e não ser em uma temporalidade do instante, marcado por uma fugacidade particular à precariedade existencial do bebê. Aos poucos ele começa a experienciar uma familiaridade de mundo, se ocupando dos entes a partir de suas possibilidades compreensivo-dispositivas e, gradativamente, se lançando em um mundo cada vez maior graças ao cuidador que apresenta mundo na medida que o bebê permite por meio de repetidas experiências semelhantes. Sintetizando, nas palavras de Glaser (2012), o bebê decai “em um espaço protegido pela atenção do cuidador, podendo vir a se sentir seguro em ser neste lugar, para posteriormente conseguir habitar a imensidão do mundo sem deixar de se sentir em casa (p. 42).

Continuemos. Até aqui podemos ousar afirmar que o bebê já construiu um “sentido de realidade assumido como vários sentidos, de corpo, de mundo, de si mesmo e assim de uma história pessoal que já aí se constitui” (SISTER, 2011, p. 27). Desta maneira, outros horizontes se apresentam e também é trazida à luz a possibilidade de uma ampliação da experiência temporal do bebê:

Esses instantes de ser e não ser vão se ligando por meio desse contínuo cuidado zeloso que o bebê recebe por semanas a fio, possibilitando ao bebê que ele se presentifique, isto é, que o “tempo do instante” se alargue para o “tempo do já” (presente imediato). (SODELLI & GLASER, 2016, p. 72).

Entramos agora em uma vivência mais próxima ao que podemos chamar de infância, indo além da precariedade do recém-nascido. Como dissemos no capítulo anterior, a experiência humana se dá em um tempo que não é o tempo

cronológico, mas sim um tempo existencial que une os três êxtases temporais e que fundamenta seu modo-de-ser como cuidado.

Todavia, cabe aqui a seguinte pergunta: como se dá esta experiência humana tão radical, que é a do tempo, na infância? Nos encaminhando a partir desta pergunta, Cytrynowicz (2000b) aponta que na experiência da criança, tomada pelo tempo do já, ainda não se desvela uma presença equilibrada de passado, presente e futuro sustentando sua mobilidade existencial. Ainda em linha com a autora, o que se predomina no viver temporal da criança é uma exacerbação do presente, incumbindo sua vida com uma intensidade quase avassaladora justamente pela inigualável força que o imediato tem em sua existência. Nesse sentido, “o futuro parece ser tão menor quanto for a criança” (p. 70), ou seja, o futuro apenas se desvela conforme a criança acumula experiências formando um passado repleto de aprendizagens, lembranças e descobertas que fundamentam este futuro como confiança em uma possível previsibilidade do que está por vir, em um projetar-se seguro nas possibilidades.

De tal maneira, esta intensidade do imediato traz experiências muito jubilosas. O que sustenta estas experiências é uma rica mobilidade de significados que esta existência no imediato traz. Nas palavras de Cytrynowicz (2000c), “a relação com o mundo é assim sempre rica de novas possibilidades na infância e a mobilidade de significados é uma constante no mundo infantil” (p. 76). Portanto, a criança passa a se fascinar com esta permeabilidade e passa a descobrir o mundo totalmente envolvidas naquilo que a convoca pois tudo é passível de causar encantamento, de chamar atenção, de causar questionamento e de ser descoberto inúmeras vezes.

Estes acontecimentos marcados por presenças imediatas abrem também a possibilidade do brincar. Aí algo crucial para a conquista do poder-ser que a criança é se abre pois, nessa transitoriedade de significados e de experiências que acompanham a brincadeira, “modos de ser da criança estão se desvelando, seu mundo está sendo criado, habitado e ganhando amplidão” (GLASER, 2012, p. 45) e, em apenas uma tarde de domingo, um mero punhado de massinha pode se apresentar como um avião, depois como um boneco, seguido por um carro e assim por diante.

Ainda neste sentido, Pompéia (2016) nos apresenta o brincar como exercício existencial do poder-ser por parte da criança. A brincadeira se apresenta como uma atividade onde, por causa de sua permeabilidade de significados, a criança é lançada em um vasto horizonte de possibilidades onde tudo é experienciado a partir da negatividade ontológica que caracteriza o poder-ser. Porém, ao invés de esta experiência ser marcada pela tonalidade fundamental da angústia, ela se dá de forma prazerosa justamente por ela ser compartilhada por um outro que age, nas palavras do autor, “como confirmação do direito que eu tenho de me alegrar com coisa alguma - sim, com coisa alguma, porque isso que me alegra tanto na brincadeira é sempre um nada” (p. 234).

Todavia, completamente imersa neste tempo do já, facilmente a criança também pode ser tocada por afetos desesperadores. Por exemplo, a dor de um machucado, por menor que seja, toma a totalidade de sua vivência pois não se abriu para ela ainda um horizonte no qual esta dor se mostre como passageira, justamente pois a noção temporal de que as coisas têm um devido tempo ainda não se instaurou. Então a criança chora, grita, berra como se não houvesse amanhã pois ela, de fato, ainda não vive compartilhando da compreensão temporal sobre a possibilidade de um amanhã.

Cytrynowicz (2000c) nos mostra claramente a outra face da moeda desta vivência de intenso envolvimento no que se apresenta afirmando que a infância é “o advir que descobre também o desamparo” (p. 78). Com essa frase, sucinta, porém profunda, a autora aponta sobre como, conforme a criança amplia cada vez mais a sua compreensão de mundo, a perspectiva de futuro começa a se apresentar como possibilidade de algo novo. Entretanto, se isso se dá sem o amparo da família, tal experiência pode ser vivenciada de forma avassaladora, acompanhada pela disposição afetiva fundamental que é a angústia pois, neste modo, o novo vem como o desconhecido, o estranho, o imprevisível que pode também ameaçar.

Assim, recuperamos aqui que a presença do cuidador ainda se mantém relevante na vida da criança. Ainda cabe ao adulto cuidar deste advir que pode descobrir o desamparo e “cuidar aqui tem o sentido do cuidado preocupado que afasta o que atrapalha, abrindo caminho para o crescimento sadio” (CYTRYNOWICZ, 2000c, p. 80). Isso implica em um adulto que olha pela

criança, alcançando uma amplitude que a criança ainda não alcança. Compreendendo as limitações existenciais dela, o adulto antecipa experiências ainda veladas para a criança, experiências que estão além do imediato. De tal maneira, o adulto representa a criança diante do novo, tornando-o presente para ela, porém, a partir da segurança e do amparo familiar.

Antever situações que a criança não tem ainda alcance pode se referir a limitar, impedir, afastar a criança de se pôr em uma situação que ofereça grandes chances de risco e de mostrar esses possíveis riscos a ela. Se o impedimento, o limite, por um lado, significa um fim, por outro, ele pode ser compreendido como um ponto a partir do qual algo pode se tornar possível (GLASER, 2012, p. 46).

Portanto, o cuidar do adulto perante a criança pode assumir diversas formas. Como Saito (2017) coloca, o adulto pode encurtar a experiência da criança trilhando seu caminho por ela, desconsiderando suas possibilidades em um cuidado autoritário que dita sentidos; impedindo que a ampliação de mundo da criança se dê diante de adversidades por um cuidado super-protetor. Ele pode abandonar a criança a lidar sozinha com sua própria existência em um cuidado indiferente, que não ampara a criança por não emitir opiniões; pode não apresentar referenciais de mundo a partir dos quais a criança possa projetar seu poder-ser, caracterizando um cuidado relativista.

Estes são cuidados que limitam, que caracterizam um modo de cuidar de alguém que visa, nas palavras de Cytrynowicz (2000c), “poupar-lhe experiências desagradáveis, ou fazer que siga um determinado caminho” (p. 83). Porém, ainda de acordo com a autora, um cuidado mais original com a criança é aquele que cuida das próprias possibilidades. Neste sentido, se torna imprescindível o que a autora apresenta como o limite que de-limita. Assumindo tal postura, o adulto que cuida não vai impor um final, encerrar ou impedir sentidos, mas vai fundamentar um apoio a partir do qual a criança possa se lançar nas possibilidades que são dela, sendo este apoio a simples clareza de um

referencial delimitado, de um modo de experimentar propriamente o histórico junto ao outro.

Vimos até aqui passos importantes que a criança trilha na conquista de seu poder-ser mais próprio. A transição para o tempo do já, que abre a possibilidade do brincar como exercício compartilhado do poder-ser, e o lançar-se amparado pelo cuidado que delimita. Podemos dizer que a criança já está construindo sua história, vivendo e significando passado, presente e futuro. Todavia, ainda há uma predominância do presente e, como já sabemos, Heidegger (2012) traz à luz que a conquista de um poder-ser mais autêntico se dá quando se antecipa a finitude do *Dasein*, ou seja, se voltar ao futuro como ser-para-a-morte. Nos aproximamos aqui de um ponto crucial na vida de uma criança.

“O ser-aí não é em si mesmo um mortal. Uma vez que ele é um ente que nunca se determina senão compreensivamente em seu ser, a sua finitude também não é uma propriedade essencial que ele traz consigo desde o princípio” (CASANOVA, 2015, p. 131). Com isso se demonstra que o *Dasein* precisa compreender sua própria finitude, ou seja, viver sua temporalidade como finita, como um tempo que se esvai e que exige a tomada de escolhas em-virtude-de um poder-ser próprio. Mas como isso se dá para a criança?

Temos até então uma criança completamente imersa em tramas impessoais, em um cotidiano onde tudo é familiar e funciona ininterruptamente. Porém, Glaser (2012) nos aponta a um caminho promissor ao se colocar na tarefa de responder a pergunta acima. A autora afirma que, justamente “pela lógica da ocupação e por meio da linguagem, a criança experiencia que as coisas têm fim” (p. 52). Conforme ela vive seu cotidiano, imprevistos inevitavelmente podem acontecer: o cuidador se atrasa quando deve buscar a criança na escola. Se percebe o fim dos diferentes espaços que se apresentam: o banho acaba, a hora de brincar acaba, o passeio acaba. Alguns objetos, sempre disponíveis, começam a frustrar em sua falha: um brinquedo muito querido quebra depois de inúmeras horas de brincadeira, a tv não funciona e ela perde seu programa favorito, a funcionalidade se rompe.

A relação entre cuidador e criança se encontra em um momento delicado. Machado (2007) realça a delicadeza deste momento usando o exemplo da famigerada birra. Aquele pequeno ser que parecia transitar passivamente entre diferentes espaços começa agora a manifestar seu desagrado diante de certas frustrações. Dependendo de como o cuidador se coloca diante da criança, este fenômeno pode ser visto como mera má-criação ou teimosia, mas originalmente, este importante fenômeno mostra que está se abrindo para a criança a inédita noção de finitude enquanto ela ainda está imersa em uma entrega total ao imediato, sem poder contemplar amplamente o futuro como possibilidade do fim, colocando-a em um impasse. Vemos então a criança, profundamente entretida em uma brincadeira, gritar e protestar quando o adulto anuncia o fim desta atividade, justamente pois a noção de finitude exige uma compreensão de futuro que a criança ainda não exerce.

Aqui, de acordo com Albertin (2010), se torna imperativo o uso da linguagem no cuidado com a criança:

as experiências no mundo fático de que as coisas acabam chegam à criança sempre por meio da linguagem do *Dasein* cuidador que acena, que aponta o fim dos entes à criança, abrindo a possibilidade da compreensão. Por exemplo, quando a mãe leva a mamadeira vazia embora ou determina o fim do banho falando que o banho acabou. O *Dasein* cuidador não só fala do fim, mas promove o fim, no sentido de fazer com que o fim daquele ente chegue à criança, desvelando-o (p. 37).

Todavia, a linguagem usada aqui não é o discurso impessoal, cotidiano, que distancia o ser em jogo do *Dasein*. Muito pelo contrário, a linguagem deste cuidado é a linguagem poética, aquela que, de acordo com Pompeia (2016), “é um levar à luz, é trazer algo para a desocultação” (p. 158), sendo que o que está sendo levado à luz aqui é a própria condição de finitude do *Dasein*, aproximando gradativamente a criança ao seu próprio ser:

através da linguagem poética, aquele que cuida da criança pode gerar angústia: promover que a criança reflita sobre si, suas escolhas, seu projeto de vida, sobre o que dá sentido à sua existência. Origina-se, dessa linguagem, um cuidado que devolve ao outro o cuidado de sua existência (GLASER, 2012, p. 56).

Concluindo, após a criança presenciar inúmeros fins, passar por frustrações, por quebras de funcionalidade cotidiana, sendo acompanhada e amparada por um cuidador que, via linguagem poética, traz para a desocultação a condição de finitude que estas quebras e estes fins representam, “surge a pergunta compreensiva-dispositiva: se tudo acaba, eu acabo?” (ALBERTIN, 2010, p. 37). Aqui se abre para a criança a possibilidade de um poder-ser mais próprio, aqui ela pode se conquistar como existente em um horizonte de sentido mais singular.

Capítulo III – O caso de Fernanda

Tendo esclarecido até agora o pensamento que nos leva a um encontro mais originário aos fenômenos manifestados na infância, estamos preparados para mergulhar no caso de Fernanda. Como já dissemos, ela foi uma garota de quatro anos que passou comigo por um processo de psicodiagnóstico em oito sessões de cinquenta minutos. O caso será apresentado por meio de quatro focos de análise configurados da seguinte forma: trechos dos relatórios feitos sobre as oito sessões foram selecionados e divididos entre os focos, mostrando manifestações importantes de Fernanda como o modo que ela se encontrava no início de cada sessão, as diferentes configurações que suas brincadeiras assumiram e os possíveis sentidos delas, e alguns desenhos feitos por Fernanda. Cada foco será acompanhado com uma interpretação nossa sobre Fernanda, seguido por uma discussão que relacionará nossas interpretações com os capítulos teóricos anteriores.

Antes cabe colocar uma pequena contextualização sobre como Fernanda veio ao nosso encontro. Sua mãe nos relata que a criança anda exageradamente tímida, retraída, sensível e com dificuldades de construir relacionamentos, principalmente com garotos. Além disso, ao nos apresentar um retrato sobre a história de Fernanda, sua mãe nos conta que ela e o pai de Fernanda se separaram logo nos primeiros meses da vida de Fernanda, tendo mantido um ambiente possivelmente tóxico durante seus primeiros meses por causa de brigas que antecederam a separação e excluindo uma figura masculina recorrente em sua vida. A entrevista inicial completa, juntamente com os relatórios, pode ser vista na íntegra no anexo.

Início de cada encontro

1º encontro

“Fernanda entrou na sala com a mãe, trazendo consigo alguns de seus brinquedos. A princípio, estava um pouco envergonhada, escondendo-se atrás da mãe, carregando consigo uma folha de papel, um estojo de canetinhas e um livro da Cinderela.

A caixa lúdica estava no centro da sala com alguns brinquedos espalhados, porém Fernanda se sentou em um dos bancos sem interagir com a caixa logo de início. Ela ficou colorindo um de seus cadernos de desenho da Cinderela, com suas canetas, enquanto os estagiários e a mãe de Fernanda, sentados no chão, ficaram interagindo com a caixa lúdica e tentando conversar com Fernanda.

No começo, Fernanda apoiava-se na mãe como mediadora da palavra pois, sempre quando Fernanda era questionada, olhava para a mãe solicitando uma resposta para as questões, mas neste momento tivemos ajuda de mãe, que sempre contornava a reflexão para os estagiários, dizendo: “Mas você que deve responder, a pergunta foi pra você”.

Em poucos minutos, Fernanda já estava interagindo com os estagiários sem ser mediada pela mãe. Fernanda mostrou a um deles seu caderno da Cinderela e começou a conversar sobre seus interesses, como o desenho “O Clube das Winx” e “Patrulha Canina”. Enquanto isso, ela desenhava em um de seus cadernos de colorir e os estagiários, juntos com a mãe, desenhavam em seus papéis sentados no chão. Neste momento, Fernanda já não estava sentada na cadeira, mas estava no chão junto aos estagiários e à sua mãe.”

2º encontro

“No encontro de hoje, que ocorreu no dia 4 de setembro, os estagiários atenderam Fernanda sozinha pela primeira vez. Ao buscarmos ela e sua mãe, a criança demonstrou um pouco de receio no momento em que falamos que ficaríamos apenas os três na sala. Reconhecendo tal estranhamento, começamos a abrir a caixa lúdica com a mãe de Fernanda ainda na sala, mas que já estava consciente de que teria que sair.

Fernanda pegou todos os bonecos que brincou na última sessão, e trouxe a mesma contextualização e organização da semana passada. Ela começou a montar o cenário de aniversário com todos os convidados e fomos designados com os mesmos personagens, Felipe como Baby Joe, Gabriel como o pai, Fabrício, a mãe de Fernanda como a mãe da brincadeira e Fernanda como filha. Após começarmos a organização da festa, a mãe se retirou da sala dizendo que iria pegar um copo de água.

Fernanda não apresentou nenhuma reação quando a mãe saiu da sala, pois ela acreditava que ela somente iria buscar um copo de água, mas a sua

expectativa com o retorno de sua mãe se manifestou ao longo da sessão, onde ela olhava para a porta assiduamente e comentava que a mãe estava demorando para voltar. Mas em nenhum momento deixou de brincar e interagir com os estagiários.[...]

[...]Reconhecemos que, no meio da brincadeira, Fernanda separava funções e atividades para a sua mãe, acreditando que ela voltaria para a sala, e mantendo grandes expectativas. ”

3º encontro

“No nosso terceiro encontro com Fernanda, como havíamos combinado anteriormente com ela e com sua mãe, ela deveria entrar sozinha na sala com os estagiários. Mas, na abordagem na sala de espera, ela começou a chorar e a dizer que só entraria com sua mãe. Para evitar maiores exposições devido ao choro, aceitamos que ela subisse acompanhada pela mãe.

Ao entrar na sala, ela incorporou uma posição de retraimento, e quando solicitada sobre as atividades da semana passada, ela dizia não lembrar de muita coisa do que tínhamos realizado. Devido a isso, pegamos a lista da festa do Baby Joe que havíamos construído em conjunto para retomar as atividades da sessão anterior. Mesmo Fernanda relatando não lembrar de nada, ao pontuarmos e revisarmos alguns itens da lista como, por exemplo, a construção do ônibus e nomear os personagens, ela foi lembrando vagarosamente.

Enquanto ela terminava de montar o ônibus, a mãe se retirou da sala dizendo que iria esperar lá fora, pois esse era o combinado. Fernanda, para a nossa surpresa, teve uma reação contrária à que manifestou logo no começo do encontro, assentindo com a cabeça e não demonstrou nenhuma ansiedade ou desconforto com a retirada da mãe.”

4º encontro

“Ao ser chamada na sala de espera, Fernanda guardou os livros que ela estava lendo e subiu imediatamente com Gabriel. Ao chegar na sala de atendimento, Gabriel e Felipe apresentaram novamente a caixa lúdica, afirmando para a criança que ela poderia brincar com o que ela desejasse e, enquanto a sessão iniciava e os estagiários faziam suas conversas iniciais com Fernanda, a criança mexia constantemente em uma sacola de pokémon, na qual havia uma garrafa de água que ela trouxe consigo. Nesta conversa, Fernanda

afirmou ter almoçado na casa de sua avó e que esta lhe presenteou com um ovo de chocolate, dizendo em seguida que sempre fica feliz com a presença da avó quando vai visitá-la.”

5º encontro

“Assim como no encontro anterior, Fernanda entrou sozinha na sala de atendimento e trouxe um presente para os estagiários. Da última vez, ela nos trouxe um doce de coco que a avó tinha feito, e nesse encontro ela nos trouxe uma bala.

Nosso contato inicial foi constituído por um diálogo mais consistente e consolidado. Existiu um diálogo entre ela e os estagiários, mas ainda apresentava uma excitação e resistência, e isso se mostrava quando ficava mexendo constantemente na sua garrafinha de água do desenho Frozen, como se fosse um objeto de distração. Ela nos contou uma história de que sua mãe tinha uma amiga fada, e que essa amiga fada que havia ajudado a arrumar e organizar o seu quarto. Quando questionamos como seria o quarto dos sonhos de Fernanda, ela responde que gostaria de ter um quarto da Tinker Bell mas, originalmente, seu quarto é inteiro branco.”

6º encontro

“No encontro de hoje, Fernanda chegou na clínica com sua avó e subiu sozinha, tal como nos outros encontros. Ao chegar na sala, relatou que havia faltado na semana passada pois tinha viajado com sua mãe e com sua avó para Ubatuba para visitar o Projeto Tamar. Contando como foi a experiência, Fernanda relata que gostou muito da viagem, que havia tocado nas raias e observou os tanques das tartarugas. Relatou que ficaram na praia e que brincou muito na areia e na beira do mar, e que ficaram embaixo de um coqueiro em forma de cadeira. ”

7º encontro

“Fernanda entrou na sala de atendimento e conversou sobre sua nova cachorrinha, chamada Luna. Segundo ela, Luna fica na casa de sua avó, que tinha uma outra cachorrinha, chamada Flor, mas que tinha falecido. Elas também tinham planos para comprar um gato, mas sua mãe não havia deixado.

Descrevendo a cachorra, ela relata que ela é muito safadinha, e que, quando foram pegá-la, ela vomitou no carro do tio, o que causou um certo transtorno. ”

Análise

O que se espera trazer à luz neste foco de análise é a postura de Fernanda no início dos diferentes encontros e como tal postura foi se alterando, conforme o ambiente terapêutico ganhava familiaridade. De acordo com as demandas apresentadas pela mãe de Fernanda, a garota apresentava um grande receio diante do estranho, diante do não familiar. Este retraimento se apresentava de tal intensidade que a suposta timidez de Fernanda chegou a preocupar sua mãe a ponto de ela levar a criança à terapia. Portanto, já era compreendido de início a delicadeza que o manejo dos terapeutas com Fernanda exigiria, devido ao fato que eles próprios seriam figuras desconhecidas para a garota e que, muito provavelmente, poderiam manifestar um desconforto em Fernanda.

Com isso em mente, a postura assumida foi de esperar que ela viesse de encontro aos terapeutas, pacientemente, dentro de suas possibilidades de exposição ao outro, na medida em que ela se sentisse segura para tal encontro. De tal maneira, a atitude inicial assumida pelos terapeutas foi convidar a mãe de Fernanda para interagir com a caixa lúdica, em conjunto com os terapeutas, na esperança de mostrar um ambiente seguro e familiar para Fernanda, que abrandasse o estranhamento do encontro.

De início, Fernanda se agarrava ao que ela conhecia e confiava: sua mãe e os objetos que ela trouxe de casa. Tais representações eram seus únicos abrigos contra o estranhamento originário que aquele encontro poderia tocar e, claramente, isto foi respeitado pelos terapeutas que ainda se esforçavam para criar um ambiente que fosse o mais familiar possível para Fernanda, aguardando-a pacientemente. Como se pode notar no trecho de relatório, Fernanda recorria à sua mãe quando os estagiários a convocavam para interagir com eles, olhando para ela com um olhar interrogativo, como se ela contasse com uma confirmação de sua mãe acerca da segurança que aquele ambiente novo oferecia. Além disso, por boa parte do início do encontro Fernanda se manteve distante dos estagiários em diferentes sentidos: ela não só estava espacialmente distante, sentada nas cadeiras encostadas na parede enquanto

os estagiários estavam no chão, mas ela também ficou concentrada em seu caderno de desenhos que ela trouxe de casa, que era um dos poucos objetos encontrados naquele ambiente que ela conhecia, que lhe era familiar.

Este foi o primeiro começo de Fernanda. Amparado pela forte presença da mãe, que permitiu eventualmente uma postura mais livre durante aquele encontro. Na 2ª sessão foi possível testemunhar novamente a referência de segurança que a mãe de Fernanda representa para sua filha a partir do momento em que lhe foi informada que, naquela sessão, Fernanda ficaria separada da mãe até o término desta. A criança recebeu a notícia com surpresa, por mais que ela parecesse tentar esconder sua reação que se deu de forma contida, em apenas um breve arregalar dos olhos.

Depois disso, a atitude de Fernanda foi recuperar a brincadeira da sessão anterior, algo que parecia carregar uma certa familiaridade naquele ponto. Ainda no começo da sessão sua mãe saiu da sala, afirmando que ia buscar um copo de água mas, por falta de orientação da parte dos estagiários, isso serviu como desculpa para que ela ficasse sem a mãe durante o resto da sessão, e isso teve repercussões. Fernanda continuou a brincar, porém, em uma postura tensa, rígida, como se estivesse desconfiada e na expectativa do retorno de sua mãe, chegando a comentar algumas vezes sobre como sua mãe estava demorando e também, como foi observado, a separar diferentes papéis que seriam executados na brincadeira por sua mãe, quando ela retornasse, como a boneca que representava a mãe da família, que traria as comidas e que não podia ser interpretada por ninguém além da mãe da Fernanda, de acordo com a criança.

Foi sutil, porém inegável a mudança de postura por parte de Fernanda assim que sua mãe se retirou. Não houveram choros, grandes protestos ou clamores pelo retorno de sua mãe. No lugar disso se manifestou um enrijecimento e uma nítida expectativa pelo retorno da mãe. Percebe-se aqui uma criança em uma cena desconhecida, mas vivendo esta angústia de uma forma muito particular pela qual ela parecia controlar o máximo que ela podia o quanto essa angústia se mostraria, o quanto ela seria prontamente vivenciada e acredito que muito deste controle se deu pela contínua possibilidade de retorno de sua mãe, o principal fundamento de confiabilidade na vida de Fernanda.

Todavia, no 3º encontro esta possibilidade de retorno que sustentava um certo controle por parte de Fernanda se perdeu, e os choros e clamores que

faltaram no 2º encontro finalmente se apresentaram. No instante que lhe foi apresentada uma situação na qual Fernanda seria colocada abruptamente sem o amparo da mãe a criança se viu no abismo que é o fundamento da existência, sem garantia de segurança e sem confiabilidade, e se pôs a chorar, abraçando a mãe, sua única base de segurança naquele momento que, em sua compreensão, estava prestes a ser tirada dela para lançá-la no desconhecido, no não-familiar, na angústia.

Tendo percebido o quão estranho e temeroso ainda era o ambiente terapêutico para Fernanda, eu reconheci que sua mãe ainda era necessária pelo menos no início da sessão e permiti que ela subisse com a filha. Assim que se iniciou a sessão, começamos novamente a resgatar elementos das brincadeiras feitas nos encontros anteriores, ou seja, tentamos reapresentar o ambiente terapêutico como um lugar já habitado por Fernanda, um lugar seguro no qual ela já havia se lançado e retornado aos braços da mãe sem problema algum. Após ter restabelecido isso, abriu-se um horizonte que sustentasse Fernanda naquele encontro sem a mãe, o que possibilitou a retirada desta.

O que pode ser interpretado deste início de encontro? O quão recente ainda é para Fernanda seu processo de ampliar o mundo em que habita e o quão cedo ainda é para arrancá-la repentinamente do abrigo que é a presença de sua mãe. O ambiente terapêutico, composto por dois homens que Fernanda não conhece, ainda lhe é estrangeiro e não foi contemplado até então em seu processo de ampliação de mundo. Portanto, a garota precisou da base de segurança, que, por enquanto, apenas sua mãe podia oferecer, pelo menos na transição de imersão total em um cotidiano seguro na companhia da mãe ao início do encontro terapêutico que foi esta 3ª sessão. Após esta transição começamos a recuperar aspectos que se mostrariam familiares para Fernanda, como a brincadeira que havíamos construído nas semanas anteriores, e em seguida, ao perceber uma segurança suficiente que sustentasse a garota naquele encontro, a mãe se retirou afirmando que estaria próxima, a espera de seu retorno, e Fernanda se manteve na sessão.

Este foi o último encontro onde Fernanda precisou subir com a ajuda da mãe. Foi possível perceber que os encontros estavam começando a fazer parte da rotina de Fernanda, sendo algo cotidiano e não tão estranho. Porém, um olhar atento aos detalhes e cauteloso pode reparar o quanto Fernanda ainda precisava

trazer consigo uma referência concreta de familiaridade e segurança. De início tal referência era sua mãe, mas em seguida isso passou a ser representado por objetos que Fernanda trazia consigo, de fora do encontro terapêutico, possivelmente de um lugar familiar - a sacola de pokémon, a garrafinha de água do Frozen.

Se chegou a essa interpretação não apenas pelo fato de Fernanda trazer consigo tais objetos, mas pelo modo como Fernanda os manipulava. Enquanto a garota conversava comigo sobre o que tem acontecido em seus dias recentes ela olhava fixamente para estes objetos enquanto os manipulava, e estritamente para eles, evitando fortemente o meu olhar. Ou seja, nos começos da 4ª e da 5ª sessão Fernanda literalmente olhava para o que ela conhecia e usava estes objetos como ancoragem a uma segurança, a algo com o que ela poderia contar, a uma confiança que eu ainda não havia conquistado plenamente na compreensão de Fernanda. Ela não brincava com os objetos, não interagia com curiosidade e não os manipulava em nenhum sentido que não fosse o mero manipular, a distração do que aquele ambiente estranho poderia vir a representar.

Levando isso em conta, nos começos dos encontros era permitido que Fernanda nos contasse sobre seu cotidiano, sobre o que ela tem feito, para que ela tornasse presente aquilo que lhe era familiar como, por exemplo, seu quarto que foi mencionado no 5º encontro, um local que pode representar o máximo de segurança, familiaridade e previsibilidade. Enquanto isso eu, conversando com ela sobre essas mesmas coisas, tentava começar a fazer parte deste mundo confiável. De tal maneira, eventualmente, este objeto era deixado de lado e a sessão se decorria de forma mais livre. Isso se desenvolveu, dentro dos poucos encontros que tivemos com Fernanda, até o ponto em que a criança encontrou uma referência mais ampla que a sustentasse naquele local, sem a necessidade de um objeto concreto pois, a partir do 6º encontro, ela parou de trazê-los.

Claro, o tempo em que passei com Fernanda foi breve e o que foi aqui relatado é o relance de uma abertura para a conquista de um ambiente terapêutico seguro e familiar. Fernanda continuou a demonstrar certas inseguranças de outras maneiras que serão discutidas em outros focos de análise.

O brincar organizador de Fernanda

1º encontro

“Ao longo da sessão, Fernanda dirigiu sua atenção à caixa lúdica e os bonecos de pano chamaram sua atenção. Ela começou a interagir com a família de bonecos brancos e distribuiu papéis entre os estagiários e sua mãe. Gabriel seria o pai, chamado Fabrício, Felipe seria o filho bebê, chamado Baby Joe, e sua mãe seria a mãe da família na brincadeira. Em seguida Fernanda teve a ideia de montar uma festa de aniversário para Baby Joe, chamando para esta festa os outros bonecos das duas famílias. Ela encarregou o pai, interpretado por Gabriel, para convidar as outras pessoas para a festa enquanto Fernanda, brincando com a filha da família, e sua mãe fariam o bolo, que foi feito com peças de montar.

Toda o cenário da brincadeira estava sistematicamente organizado. Os convidados mais velhos se sentaram juntos, os dois bebês ficavam nos berços, um ao lado do outro e os convidados mais novos ficariam brincando com os animais de brinquedo, que também estavam enfileirados em uma parte específica do cenário. Gabriel, brincando com um dos bonecos que representavam a figura de uma criança, montou seu boneco em uma girafa de brinquedo, porém, Fernanda o proibiu de fazer isso pois, de acordo com ela, isso quebraria o brinquedo, que deveria se apenas manipulado, não montado.

Conforme a sessão se aproximava do fim os estagiários começaram a encerrá-la, sugerindo à Fernanda que se cantasse o parabéns. Os estagiários, Fernanda e sua mãe cantaram juntos. Em seguida, eles começaram a guardar os brinquedos, com a ajuda de Fernanda, e a sessão foi encerrada. ”

2º encontro

“Fernanda pegou todos os bonecos que brincou na última sessão, e trouxe a mesma contextualização e organização da semana passada. Ela começou a montar o cenário de aniversário com todos os convidados e fomos designados com os mesmos personagens, Felipe como Baby Joe, Gabriel como o pai, Fabrício, sua mãe como a mãe da brincadeira e ela mesma como filha. Após começarmos a organização da festa, a mãe se retirou da sala dizendo que iria pegar um copo de água.

[...] Mesmo com a ausência da mãe, Fernanda continuou a brincar com os dois estagiários. Ela começou a enfileirar todos os animais, dizendo que parte deles iria viajar para um zoológico e outros para o acampamento, sendo que todos iriam viajar de ônibus.

[...] Para organizar as funções e as atividades do aniversário, o estagiário Gabriel propôs que fizéssemos uma lista com todas os afazeres. Fernanda escreveu tudo aquilo que achava necessário para o aniversário, e a lista foi composta por: cupcake, sucção, comida, nomear os convidados, nomear os bichinhos, sopinha e bolo de amora. Optamos por essa organização devido ao tempo do atendimento pois, para que todas as atividades fossem realizadas, teríamos que organizá-las e trazer uma linearidade para o pensamento de Fernanda.

Depois de construir a lista, perguntamos qual a atividade que ela gostaria de realizar primeiro, e ela disse que teríamos que montar os caminhões (aqueles que levariam os animais para o acampamento e para o zoológico), e terminar o bolo de amora (que era função originalmente designada para a sua mãe). Ela designou a função de montar o caminhão para o estagiário Felipe, enquanto ela e Gabriel decidiam qual a próxima atividade a ser realizada.

Após um tempo de reflexão, decidiu que montaria um total de dez Cupcakes com as massinhas de modelar. Ela usou a massinha de cor azul, vermelha e amarela.

Terminando o tempo da sessão, reconhecemos que não daria tempo de realizar todas as atividades, portanto, anotamos tudo o que deveríamos fazer para a semana que vem quando continuássemos a festa de aniversário. Fernanda disse que deveríamos terminar de fazer os ônibus, nomear os animais da fila do zoológico e do acampamento e acordar as pessoas da festa. Ela diz também que o pai (boneco do Gabriel) deveria acordar todos os convidados assim que os preparativos estivessem prontos.”

3º encontro

“Pegamos a lista da festa do Baby Joe que havíamos construído em conjunto para retomar as atividades da sessão anterior. Mesmo Fernanda relatando não lembrar de nada, ao pontuarmos e revisarmos alguns itens da lista como, por exemplo, a construção do ônibus e nomear os personagens, ela foi relembando vagarosamente.

[...] Mesmo apresentando um retraimento inicial, ao finalizar a construção do ônibus, ela começou a separar os convidados que ficariam sentados no chão e, segundo ela, estavam dormindo esperando a festa começar. Finalizando a organização, ela espontaneamente começou a nomeá-los, dentre eles, estavam: João, Fabrício, Fofinha e Lindinha. Ao nomear o boneco de Fabrício, Fernanda relata uma história pessoal, dizendo que existe um garotinho na sua escola com esse nome. Questionada se ele brincava com ela, ela relata que ‘... infelizmente ele não brinca comigo’ (sic), dizendo que isso não acontece pois ele brinca de super herói, e ela gosta apenas de brincar de Winx.

[...] Começamos a festa acordando todos os convidados. Fernanda era a responsável em ordenar e organizar, de uma maneira sistemática, as atividades que Gabriel realizaria. Ela solicitou que ele acordasse todos os convidados, um por um, com um boneco que se chamava Papai Lindinho. O boneco usado por Gabriel (Papai Lindinho) acordou um outro personagem que foi nomeado de Fofinho Fabrício.

[...] Ela solicita novamente que Papai Lindinho chamasse todos os convidados para colocarem roupas de banho para entrarem na piscina, e novamente demanda que Gabriel fizesse isso sistematicamente, chamando um personagem de cada vez. Com algumas gesticulações mais exageradas, Gabriel chamou os convidados coletivamente, e Fernanda pareceu aceitar essa abordagem. ”

4º encontro

“Neste encontro Fernanda propôs uma brincadeira com um novo cenário. Ela pretendia montar um piquenique que, de acordo com Fernanda, seria um piquenique diferente, porém ela se recusava a desenvolver a ideia quando Gabriel e Felipe perguntavam a ela sobre outros detalhes deste piquenique, sempre respondendo com “eu não sei.

[...] Após esclarecer o contexto, Fernanda se direcionou a caixa lúdica e começou a organizar os personagens sistematicamente da mesma forma que ela fez nos encontros anteriores, enfileirando-os em volta da caixa e colocando-os sentados pois, segundo ela, os personagens estavam relaxando e dormindo.

[...] Novamente, Gabriel foi designado a exercer o papel do boneco que representava o pai e deveria acordar todos os bonecos um de cada vez. Todavia, desta vez Gabriel tentou incentivar Fernanda a participar dessa atividade, usando uma outra boneca que seria a mãe da família, controlada por Fernanda para que ela pudesse ajudá-lo a acordar os familiares, mas ela se recusou.

[...] Uma boneca estava debaixo da caixa, escondida pois estava com muito ciúmes de todos os outros bonecos que estavam dormindo. Essa boneca ficou responsável por chamar todos os outros para pegarem o avião que os levaria até o parque da água branca onde ocorreria o piquenique, pois o parque estava bem longe de onde os bonecos estavam dormindo.

[...] Sistemáticamente ela começa a levar boneco por boneco para o parque que ficava em cima de uma das cadeiras da sala de atendimento. Ela levava arbitrariamente cada boneco no avião e, diante disso, Gabriel começou a personificar alguns dos bonecos manifestando alguns de forma assustada, com medo de altura, porém isso pareceu apenas incomodar Fernanda. Depois dos passageiros, ela levou o bolo e as outras coisas do piquenique.

Ela fez com que gabriel entrasse em um ônibus, porque ele não poderia usar o avião, mas assim que ele chegou no evento Fernanda afirmou que o piquenique havia terminado, término que ocorreu antes mesmo de o piquenique começar, e os convidados retornaram para suas casas. ”

Análise

Boa parte dos encontros com Fernanda consistiram em brincar com ela e observar como isso se dava, como ela se portava e que significados de seu mundo se manifestavam neste processo lúdico. Durante estas interações, muito ricas de significado, foi possível notar diferentes modos de brincar e, na primeira metade dos oito encontros que tivemos com Fernanda, houve o predomínio de um brincar que consistia principalmente em organizar diferentes brinquedos. Este movimento lúdico será o foco da seguinte análise.

No primeiro encontro, como foi dito anteriormente, ficamos aguardando Fernanda para que ela viesse ao nosso encontro em seu tempo, enquanto interagimos com a caixa lúdica, esperando o momento no qual os brinquedos deixassem de representar estranhamento e passassem a despertar curiosidade.

Eventualmente Fernanda começou a explorar a caixa lúdica e assim tive a primeira oportunidade de observar a criança brincando. Como era de se esperar, a maneira que isto se deu chamou atenção. A garota incluiu os terapeutas e a mãe na brincadeira, distribuiu papéis para cada um dos presentes que, possivelmente, estavam afinados com o modo que cada um foi de encontro com o mundo de Fernanda naquele primeiro encontro, e passou a organizar uma festa de aniversário.

Todavia, o grande foco da brincadeira foi, estritamente, a organização da festa de aniversário, não a festa em si. Cada figura representativa na festa tinha o seu devido lugar: os bebês nos berços, os adultos sentados em fila observando as crianças, e nenhum deles poderia sair de seu devido lugar. Cada brinquedo tinha uma empregabilidade específica que não devia ser contornada, como o cavalo de brinquedo que não podia ser montado pois poderia vir a quebrar. Tudo estava meticulosamente montado, organizado, e todos os personagens tinham um lugar e um papel específico a ocupar de acordo com sua idade e posição parental.

Como boa parte do primeiro encontro se passou tentando estabelecer um vínculo inicial com Fernanda não houve muito tempo para acompanhar a criança em seu brincar. Portanto, em um primeiro momento eu interpretei que toda a brincadeira se consistiu em organizar uma festa de aniversário e não em vivenciar a festa em si pelo fato de não termos desfrutado de tempo suficiente para tal. Todavia, esta interpretação inicial se alterou conforme o modo que eu compreendia Fernanda se ampliava nos encontros decorrentes.

No segundo encontro com Fernanda semelhanças começaram a aparecer: os mesmos papéis foram distribuídos aos estagiários e à mãe de Fernanda, que se retirou no início da sessão. Em seguida, a proposta de construir uma grande festa ressurgiu, por parte de Fernanda, e assim se seguiu a brincadeira organizando os diferentes participantes que eram classificados entre os animais e os humanos, os animais eram enfileirados para entrar em um ônibus que os levaria a um zoológico e eram nomeados, um por um, sendo que havia cerca de dez animais de brinquedo. Enquanto isso os bonecos que representavam figuras humanas também recebiam tarefas e eram classificados de acordo com os papéis que eles representavam em uma família para

Fernanda, como os pais, os avós e os filhos, cada um tendo uma função específica para a festa que estava por vir.

Fernanda insistia em fazer planos e ter ideias para organizar a festa, tornando esta cada vez mais longínqua. Porém, eu tinha grande interesse em ver como se daria o momento da festa e o que Fernanda manifestaria neste momento. Portanto eu sugeri que organizássemos estes muitos afazeres em uma lista e Fernanda concordou.

Agora, o que aconteceu neste momento? Durante um momento de brincadeira com Fernanda, uma garota de quatro anos, uma lista foi montada e isso carrega consigo um significado. Não só havia um complexo método de organizar esta brincadeira, mas ele era tão amplo que, para o intervalo temporal disponível para a sessão, este método devia ser listado, um forte representante de organização para uma garota de quatro anos de idade que se coloca a brincar.

Neste segundo encontro, como já estava ficando nítido bem antes do término, não houve festa, apenas a organização. Porém, a lista foi guardada para que, no encontro seguinte, não fosse necessário recomeçar tal processo de organização para criar tempo suficiente para a festa. Eu estava de fato curioso para que este momento chegasse pois espera-se que a festa seja o momento do descontrole, do compartilhar, e até então eu só estava observando uma Fernanda que controlava, organizava.

Neste sentido, logo no início do terceiro encontro a brincadeira já foi resgatada para que continuássemos de onde havíamos parado lembrando Fernanda da brincadeira anterior. Assim, reconstruímos o que já havíamos feito e continuamos a organizar o que faltava. Finalmente conseguimos chegar ao momento de festa e, ainda em sintonia com o modo que o brincar de Fernanda estava se desenvolvendo, a festa também se deu de um modo contido. Por exemplo, Fernanda pediu que eu, intermediado pelo boneco que representava o pai, acordasse cada um dos quinze convidados individualmente. Eu perguntei se poderia acordar a todos de uma vez com um forte grito mas Fernanda não permitiu, reiterando que eu deveria acordar calmamente um por um enquanto a garota me observava executando tal função, sem compartilhar comigo esta parte da brincadeira. Ou seja, ela estava como uma espectadora passiva no início da festa, controlando minhas ações e como a festa se descerrava. Isso se manteve

mesmo depois de acordar todos os convidados. A festa se dava em uma piscina, porém, havia uma rígida ordem no modo que cada um festejaria.

O quarto encontro se apresentou e, com ele, uma brincadeira semelhante às anteriores. Fernanda desejava montar um piquenique desta vez. Não era exatamente uma festa mas havia ali um denominador comum, um modo de ser que estava se apresentando como contínuo até então a partir do qual Fernanda propunha um evento que devia ser meticulosamente organizado em sua brincadeira, tão organizado que o próprio evento ficava em segundo plano. A diferença é que era um piquenique desta vez e não um aniversário.

Filas, categorias e métodos sistemáticos entraram em jogo novamente. Não só isso, mas nessa brincadeira também se manifestaram aspectos logísticos pois Fernanda precisava transportar cada participante do evento ao piquenique, que era no parque da água branca, representado por uma cadeira no canto do consultório. Havia diferentes meios de transporte como ônibus e aviões, fazendo diferentes viagens para que todos chegassem ao piquenique e, curiosamente, quando eu, o último convidado, cheguei ao parque, o piquenique que, na minha vivência, nunca aconteceu já havia se encerrado.

Entretanto, nesta ocasião eu fiz esforços para que Fernanda se incluísse no brincar mais ativamente, convocando-a para me ajudar a acordar os convidados, mas estes esforços se provaram em vão pois Fernanda recusou a convocação e continuou a me comandar à uma certa distância da brincadeira. Eu também dei mais ânimo e espontaneidade aos brinquedos que eu controlava, apresentando-os como temerosos da altura que o avião atingiria, receosos e até desobedientes perante Fernanda na expectativa de observar como ela lidaria com o inesperado na brincadeira. Porém a criança praticamente ignorou estes movimentos, escolhendo se ater ao previsível sem entrar no ambiente descontrolado que eu estava tentando criar.

Muito bem. Temos aqui um breve retrato de como Fernanda brincou nos quatro primeiros encontros do processo de psicodiagnóstico. Perceba que, mesmo tendo apresentado um movimento contido que de certa forma carece de espontaneidade, insisto em nomear este movimento como brincar e desenvolvo agora o porquê de tal insistência. Fernanda foi convocada desde o início a um ambiente desconhecido já trazendo consigo uma dificuldade, esperada de uma criança de quatro anos, de se permitir descobrir este desconhecido. Ao mesmo

tempo ela também foi convocada a brincar, ato que exige viver e explorar o desconhecido, e ela cumpriu à tais convocações como pôde. Mais claramente, Fernanda se viu diante do estranho, distante do familiar, e lhe foi pedido para que ela criasse familiaridade neste lugar e seu brincar foi parte do caminho que ela trilhou para colonizar esse ambiente estranho. De tal maneira, seu brincar se mostrou contido, fortemente contornado e pouco espontâneo pois Fernanda não disponha ali da segurança que sustentaria uma maior espontaneidade. Assim, ela regozijou na organização, na criação de um local lúdico controlado com uma certa permanência de significados pois era justamente isso que ela carecia no momento.

Os bonecos geralmente mantinham a mesma identidade ao longo dos encontros, filas eram criadas onde aqueles que compunham a fila sabiam exatamente aonde estavam e para onde estavam indo, sem chances do imprevisto surpreender, chegando sempre ao destino desejado. Cada brinquedo tinha o seu lugar específico, sem precisar se questionar acerca do que pode vir a acontecer pois isso já era delimitado de início por Fernanda e, assim, o consultório foi se tornando seguro, previsível, controlado, permitindo uma certa flexibilidade que será demonstrada no próximo foco de análise.

O brincar descobridor de Fernanda

5º encontro

“Fernanda evoca uma associação dizendo que não gostava de meninos, mas só gostava de meninas, dizendo que isso era um segredo que só tinha contado para a sua mãe. Perguntamos se ela não gostava de meninos para brincar ou se havia um outro motivo, e ela relatou que isso era um segredo, e que só gostava de bebês, citando seu primo, Pedroca, e que gostava do vovô Mário. Quando solicitamos que ela citasse o nome de pelo menos um menino que ela gostava, ela diz gostar do Sky, um dos personagens do desenho Winx.

[...]Dentro dessa atividade, ela separou o grupo de meninos e meninas dos personagens e também pegou os bonecos de pano da caixa lúdica, também nestas categorias de meninos e meninas. Após essa organização, Fernanda disse que as meninas deveriam ficar na frente dos meninos, organizando o grupo dos meninos para que ficasse afastados do grupo das meninas.

Subsequentemente ela fez uma roda com as personagens femininas, excluindo totalmente os personagens masculino.

Para obter algum tipo de interação, o estagiário Gabriel pegou um dos bonecos (que foi nomeado como Fabrício) para tentar entrar no grupo das meninas. Como uma postura reativa, Fernanda pegava o boneco de Gabriel e o jogava longe, esse padrão se repetiu 4 vezes até que Gabriel entortou a perna do boneco, para representar que as respostas reativas de Fernanda haviam quebrado a perna do boneco. Manipulando os outros personagens masculinos, Gabriel tentou estabelecer interação com Fernanda (que controlava as outras personagens) com os bonecos de Brandon e Sky, mas as interações, a princípio, eram evitadas por ela.

Gabriel propôs uma outra alternativa de interação, pedindo para as fadas que ajudassem Fabrício a se curar da perna machucada. Ele incorporou o personagem Sky e foi fazer a solicitação para as outras fadas, e elas aceitaram ajudar. A partir dessa solicitação, todas as fadas lançaram a sua magia para curar o personagem ferido. A partir dessa cooperatividade entre os personagens, Fernanda permitiu uma aproximação dos personagens masculinos. ”

6º encontro

“Retomamos os aspectos que foram levantados na sessão anterior, onde brincamos de Winx com os personagens que o estagiário Felipe havia construído. Desta vez, acrescentamos mais alguns personagens masculinos, as vilãs (Trix), a Professora Faragonda, e o mascote chamado Kiko. Ao mostrarmos os bonecos, Fernanda foi lembrando aqueles que eram os antigos e, ao mesmo tempo, vendo quais eram os personagens novos. Quando viu as Trix (as vilãs do desenho), ela teve uma reatividade e negação clara voltada para as personagens, dizendo: “Babacas, chatas e cara de vira-latas”. Quando questionamos o porquê dela ter essa reação, ela relatou que as Trix eram muito chatas e que tinham prendido a Musa.

Fernanda começou a separar os personagens em dois grupos: o grupo dos vira-latas e o grupo dos legais. No primeiro grupo, estavam as trix e todos os outros personagens masculinos. Dentro desse grupo, ela começou a montar pares e casais, por exemplo, Sky era par da Icy, e ficavam se beijando. Ao

mesmo tempo em que Fernanda separava os casais que se beijavam, perguntamos o que ela achava sobre esse tipo de relacionamento, e ela respondia referindo-se a algo nojento, repudiado, reação que já havíamos presenciado anteriormente durante os outros encontros quando nos aproximamos dessas temáticas de relacionamentos.

No segundo grupo, o grupo dos legais, estavam todas as personagens femininas, incluindo a Professora Faragonda, e o Kiko, mascote da Bloom. Fernanda colocou Brandon para beijar o Kiko, e questionamos o que ela achava de dois meninos se beijarem. Ela começou a dar risada dizendo que chamaria a sua mãe para ver o beijo “Queria que mamãe visse isso”.

[...] Em uma terceira tentativa de vingança, as Trix conseguiram escapar da bola de fogo e capturaram todos os personagens, incluindo a Professora Faragonda, Kiko e todos os cavaleiros. A única personagem que não foi capturada foi Aisha, uma das Winx. Aisha entrou em confronto sozinha com as Trix para salvar seus amigos e os cristais. Fernanda, dentro desse confronto, disse que Aisha ganharia de todas as trix por ser invencível. Assim que Aisha derrotou as Trix, todos os outros personagens começaram a morder e comer as Trix, usando-as como refeição para depois serem jogadas no lixo.”

Análise

Antes de introduzir a seguinte análise cabe ressaltar alguns detalhes do processo de psicodiagnóstico feito com Fernanda. A criança comentou em diversos encontros sobre seu interesse no desenho animado das Winx, um desenho sobre garotas adolescentes que possuem poderes mágicos. Diante destes relatos, foi percebido um mundo familiar que Fernanda habitava neste desenho e, com isso em mente, foram montados bonecos a partir da imagem dos personagens deste desenho com a intenção de facilitar a imersão de Fernanda no ambiente lúdico. Além disso, cabe retomar aqui que uma das demandas iniciais apresentada pela mãe de Fernanda era sobre a insegurança da filha diante de figuras masculinas.

Com contextualizações feitas, vamos à análise. O início deste foco mostra trechos dos relatórios que comentam sobre o posicionamento de Fernanda em relação a garotos que traz uma certa carga de oposição, de distanciamento. Isso

se percebe no modo em geral que ela se refere a garotos, falando abertamente que não aprecia a companhia deles, e no modo que ela brinca com os bonecos das Winx.

De início, Fernanda pega os bonecos de pano e os das Winx e separa-os entre meninos e meninas. Porém, isso não se dá como uma mera separação, mas sim como uma explícita exclusão pois Fernanda em seguida passa a brincar apenas com os personagens femininos, deixando os masculinos de lado. Ela trouxe as figuras masculinas ao cenário lúdico apenas para excluí-los, ou seja, ela brinca com o masculino distanciando-o, mostrando um relance de como esta representação é colocada no mundo de Fernanda. A impressão inicial é que o masculino representa para Fernanda um outro com o qual ela não se identifica e não aceita, sem ter espaço em seu cotidiano para ele, principalmente levando em conta o seu espaço familiar que é habitado predominantemente pela sua mãe e avó, carecendo de uma figura masculina.

Com o intuito de investigar o quão estreitada estava a disponibilidade para a presença deste outro com o qual Fernanda não se identifica em seu cotidiano, eu assumi a figura do garoto, do estranho que vai se intrometer em seu ambiente familiar ocupado pelas personagens femininas. O resultado disso, como foi descrito acima, foi inicialmente de recusa, com Fernanda literalmente arremessando o meu boneco. Porém, assumindo um outro caminho, eu entortei a perna do boneco de tal forma que ele parecia ter se machucado pelos arremessos de Fernanda. Em seguida eu mostrei o quão machucado o boneco estava, esclareci a consequência daquela exclusão e perguntei se as bonecas dela podiam curá-lo com seus poderes, ou seja, se esta figura masculina poderia se mostrar a partir dela mesma e não por meio de uma estreita compreensão aparentemente temerosa.

Como resposta Fernanda aceitou a proposta e, com a sutil mudança de perspectiva, sua brincadeira assumiu uma outra forma. O novo passou a fazer mais parte do cenário lúdico, aquilo que era excluído começa a ser convocado pela própria Fernanda e ela o aceita com uma maior segurança. Por isso que o nome do presente foco de análise é “o brincar descobridor de Fernanda”, justamente por ele permitir o desconhecido se tornar conhecido, descoberto.

Nas brincadeiras seguintes de Fernanda, como é percebido no 6º encontro, as separações são feitas com uma flexibilidade muito maior, abrindo

espaço para o espontâneo. As divisões feitas são desmanchadas logo em seguida, sendo substituídas por trocas entre os diferentes personagens da brincadeiras manifestadas por meio de beijos, de relacionamentos que, por mais que Fernanda falasse sobre eles com um tom de recusa, simultaneamente ela coloca este tema em sua brincadeira e, de tal maneira, seu brincar se desenvolve por meio de aventuras e desventuras, com sequestros que acontecem, derrotas por parte das personagens comandadas por Fernanda seguidas por vitórias triunfantes e, sutilmente, uma permeabilidade de significados.

Uso aqui como exemplo de tal permeabilidade o beijo entre Brandon e Kiko. O que foi vivido por Fernanda no exemplo acima? O nada. Esclarecendo, Fernanda colocou dois personagens entendidos por ela como meninos em um modo de estar com outro que remete à intimidade, à uma proximidade romântica manifestada pelo beijo direcionado a outra figura masculina, dando nuances femininos à tais figuras masculinas, e claramente jubilou-se com tal movimento. Ela descobriu ali o nada manifestado pela permeabilidade de significados, sendo a palavra nada representante aqui da ausência de uma determinação essencial e imutável para o significado daquilo que lhe vem de encontro na brincadeira e, justamente por ser em um ambiente que sustenta este nada, ele veio de forma prazerosa como a surpresa diante do novo.

É justamente isto que desejo demonstrar. No breve tempo de 8 encontros que tive com Fernanda, presenciei um início receoso, preocupado diante do novo imprevisível e, ao longo do tempo, uma intimidade mínima foi criada fundamentando um encontro que sustentasse a presença do inesperado, seja ele demonstrado pelo beijo entre dois meninos, pelas bruxas que sequestraram os cavaleiros ou pela coragem das Winx que foram ao resgate bem sucedido, principalmente quando se coloca isso em contraste com as brincadeiras analisadas no foco anterior e o quanto Fernanda pode se libertar dele durante os encontros terapêuticos.

O desenho de Fernanda

7º encontro

Desenho nº 1:

“Seguindo as orientações do Desenho-história, solicitamos que Fernanda desenhasse um cenário, um desenho livre, e que, a partir do cenário e personagens, ela nos contasse uma história sobre o desenho. Pouco investida a princípio, com uma posição rígida e pouco investimento sobre papel, Fernanda desenha uma máquina de lavar roupa. Após solicitarmos que ela nos contasse a história sobre a máquina, ela começou a complementar o desenho a partir da sua própria narrativa. Quando ela disse que a máquina era da mãe, ela desenhou a mãe ao lado da máquina. A mãe foi atribuída com uma capa de super-heroína com super poder de ‘bola de fogo’. Fernanda usa uma descrição em voz alta de suas próprias ações ao mesmo tempo em que desenha, por exemplo “Agora eu vou fazer a capa amarela” e “Agora eu vou desenhar os botões da máquina”.

Quando perguntamos o porquê e qual a finalidade dos super poderes de sua mãe, Fernanda relatou que sua mãe o usaria para combater os ladrões. Nesse momento, ela desenha um ‘ladrão’ com uma saia, dizendo que esse menino gostava de usar saias de meninas. Posteriormente ela desenhou uma pessoa de amarelo e que chamou de Paty, dizendo que era uma amiga de sua mãe e que estavam lavando roupa juntas na sua casa. Ao descrever o desenho que fez de Paty, ela aponta que ela tem um cabelão e que usa brincos de coração que se encaixam. Ela traz uma associação com um grupo que participa da sua escola, a ‘Turma do Coração’, título que a professora deu para a sala de Fernanda.

Trazendo a contextualização para o cenário e a história do desenho, Fernanda descreve a situação como um encontro entre Paty e sua mãe, que lavavam roupas juntas. Paty foi para a casa da mãe de Fernanda para conseguir lavar suas roupas. Após terminarem de lavar as roupas, elas iriam para a casa de Paty (nesse momento ela complementa no desenho um caminho para a casa da Paty).”



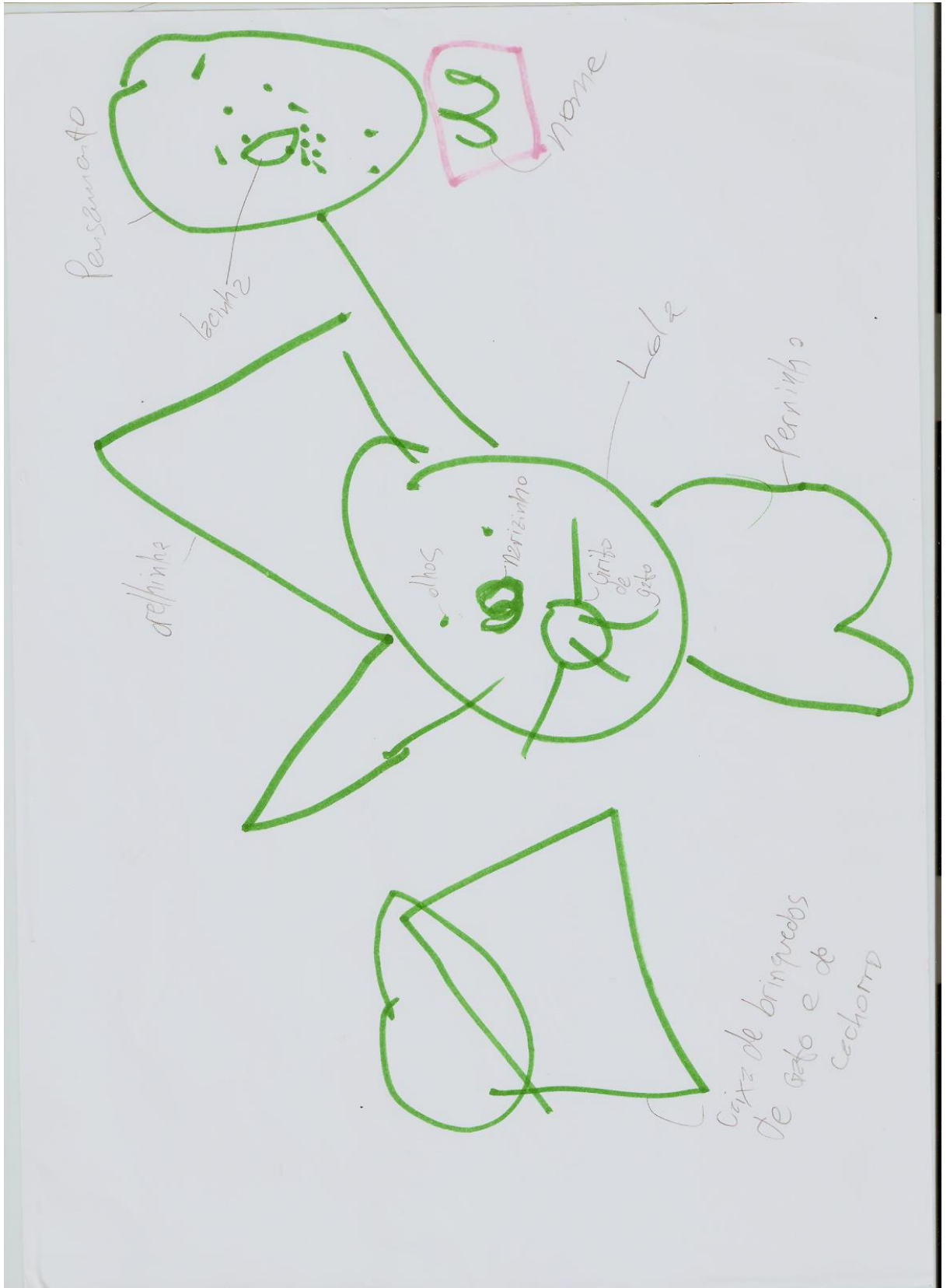
Desenho nº 2

“Após finalizar o primeiro desenho, Fernanda começou a descrever uma outra cachorra que já teve contato, chamada Pepita. A Pepita foi uma cachorrinha que teve pouco tempo de contato pois, devido ao seu comportamento muito arteiro, eles a devolveram. Segundo Fernanda, eles tinham que colocar pimenta nos móveis da casa para que ela parasse de morder e estragar a mobília.

Fernanda trouxe um relato concatenado sobre todos os seus animais e organizou temporalmente a ordem em que eles foram sendo adotados pela família. Flor foi a primeira cachorrinha que eles tiveram, mas acabou falecendo devido à uma doença no ouvido e, para Fernanda, Flor era uma de suas favoritas. Pepita foi a segunda cachorrinha que apareceu, e que Fernanda mais gostava e achava muito bonitinha. Luna é cachorrinha mais recente, e que está morando na casa de sua avó, onde ela tem possibilidade de interagir e brincar com ela quando vai visitá-la.

Usamos esse contexto emergente na narrativa de Fernanda para solicitar um segundo desenho. Pedimos que ela desenhasse Flor, mas ela se recusou a desenhar porque ela gostava mais da Pepita, e que, segundo ela, estava com muitas saudades dela.

O segundo desenho é constituído por diversos elementos. Fernanda desenhou um animal chamado Lola. ela também desenhou o pensamento de Lola, que se direcionava para uma comida que gostava. Ao lado de Lola se encontra uma caixinha de brinquedos de gatos e de cachorros. Lola é uma cachorra que emite um ‘grito de gato’. A partir dessas descrições, solicitamos que ela explicasse como seria um cachorro com grito de gato, mas ela não soube explicar. Ao longo da construção do relato sobre o desenho, diversas vezes ela se refere dubiamente para o desenho, descrevendo-o ora como um cachorro, ora como um gato.”



Análise

Como de costume, era preciso que eu estivesse aberto para ser tocado pelo relato de Fernanda. Este era muito pertinente a como ela vivencia os acontecimentos de sua vida, que se dá de uma forma diferente do que o adulto vivencia. Portanto, o relato sobre seus bichos de estimação vinha em fragmentos, pedaços de imediatismos que lhe ocorriam, e cabia a mim reunir estas peças em um todo afinado à experiência de Fernanda.

Tendo entrado em contato com o relato verbal de Fernanda, coube pedir à garota que ela também nos contasse uma história através de desenhos, de tal maneira que veríamos o mundo dela se manifestando, como nos relatos e nas brincadeiras, mas marcado no papel.

O modo que Fernanda se colocou a desenhar não foi diferente do que observamos em seus outros momentos. De início, por estar em um lugar que ainda representava um certo estranhamento e pouca familiaridade, que era a sala de atendimento, Fernanda estava rígida, mostrando um corpo tenso, controlado e seu desenho se afinou a isso: Fernanda desenhava cautelosamente, traçando reta após reta de forma lenta, controlada e rígida, até formar o que ela projetou a princípio, uma máquina de lavar.

Foi interessante notar que a tarefa demandada de Fernanda foi que ela completasse um desenho e, depois de acabado, ela contasse uma história sobre este desenho. Porém, ela contou a história conforme ela desenhava. A história e o desenho se criavam simultaneamente. Percebe-se que Fernanda não se lançou em um futuro distante o suficiente que permitisse a realização da tarefa solicitada, justamente por esta ampliação de futuro ainda não se apresentar para Fernanda, algo esperado para uma garota de quatro anos.

Portanto, a criança desenhava uma máquina de lavar, pois era até aí que ela se lançava em sua temporalidade. Em seguida, o que se manifestava era a máquina de lavar de sua mãe, e neste momento imediato ela a desenhava, ampliando passo a passo o desenho, e assim por diante.

Retomo agora a posição corporal de Fernanda durante os desenhos. De início ela se colocava de forma rígida e cautelosa. Todavia, quando a garota começa a desenhar sua mãe seu corpo relaxou quase que imediatamente. Seu tronco se flexibiliza, seu braço se move livremente, ela colore com tons mais

suaves o vestido de sua mãe. Podemos pensar que é em sua mãe que Fernanda encontra ancoragem, um ponto familiar diante da estranheza intrínseca à sua existência e a mera manifestação da presença de sua mãe pelo desenho já, de alguma forma, atua na sua compreensão de tal maneira que ela começa a se deixar levar, a habitar um lugar minimamente familiar que permite segurança. Tudo possivelmente por causa do apoio que sua mãe representa, a heroína poderosa que lança bolas de fogo e que pode protegê-la.

Esta segurança permitiu uma exploração maior das possibilidades do desenho. Depois da mãe outros componentes começaram a surgir mais livremente, os significados ganharam maior permeabilidade e algo mais amplo se apresentou: a máquina de lavar ganha botões, o vestido da mãe se colore, uma amiga aparece com a intenção de lavar a roupa, e um bandido que gosta de se vestir de menina se apresenta.

A figura do bandido chama atenção aqui. É um bandido, ou seja, uma figura aparentemente maléfica masculina que, entretanto, gosta de se vestir como mulher. Fernanda nos conta isso de forma jubilosa, se deliciando com o fato que esta figura não se veste seguindo uma certa normalidade. Parece que esta mistura entre masculino e feminino é algo que Fernanda compreende que não deve acontecer, mas o fato deste desenho se apresentar mostra uma possível flexibilidade, um possível rompimento entre tal separação, principalmente pela forma divertida que Fernanda apresenta tal figura. Vemos aqui um fenômeno semelhante ao descrito no foco de análise anterior onde, brincando, Fernanda colocou dois bonecos para se beijarem e se divertiu com isso.

Morte e finitude também se apresentaram neste encontro. Fernanda começa a relatar sobre sua cachorra que morreu, expressando o carinho que ela tinha pela cachorra e, diante disso, eu peço à Fernanda que ela desenhe esta cachorra, mantendo o interesse em investigar como a garota manifesta seu mundo via desenho, principalmente pela possibilidade do que esta cachorra poderia representar para a Fernanda, sendo um antigo representante de afeto e carinho que está presente em sua vida apenas em sua ausência.

Curioso para entender o quanto a condição de finitude se manifestou para Fernanda neste evento eu peço para que ela resgate a presença desta cachorra pelo desenho e, para a minha surpresa, ela se nega. Fernanda diz que não quer

desenhar a Flor, que prefere desenhar outra cachorra pois ela sente muita saudade da Flor. Com tal relato, deixo o questionamento sobre o quanto Fernanda, neste gesto, está se protegendo da compreensão de sua própria condição de finitude, algo que pode beirar o insuportável, que apresentará outra maneira de se mobilizar onticamente e que parece estar, pouco a pouco, se revelando.

Seguindo a atividade, Fernanda desenha um animal chamado Lola, um nome que não estava presente nos relatos sobre seus bichos de estimação e que, a princípio, era um cachorro que, surpreendentemente, fazia “barulho de gato” (sic) e além disso, Lola se alternou várias vezes entre ser um gato e ser um cachorro.

Capítulo IV – Discussão

Depois de analisar cuidadosamente os oito encontros o objetivo agora é discutir os principais elementos de uma terapia infantil, balizado especificamente na experiência com a Fernanda.

Começemos então com as considerações de Cytrynowicz (2018)¹ sobre terapia Daseisanalítica com crianças. A autora nos mostra com efeito o dever do terapeuta de ir de encontro à criança em uma relação de confiança e proximidade que tenha em vista um entendimento sobre a criança e sobre os sentidos de suas ações. “Assim, esse processo terapêutico não se constitui originalmente com o objetivo prévio de supressão de condutas ou reações indesejadas e determinadas pela queixa” (p. 261). É então imperativo que se acolha a demanda dos cuidadores que levam a criança para a terapia sabendo que a preocupação que leva o adulto a colocar a criança sob o olhar de um terapeuta não é necessariamente a mesma coisa que a dificuldade da criança. Com isso a autora nos mostra que as demandas iniciais não devem ser tomadas imediatamente como verdades absolutas pois, muitas vezes, emergem de comparações das possibilidades existenciais da criança com padrões afinados apenas ao olhar do outro, vindo a custo de uma presença mais próxima aos sentidos da criança.

Voltemos agora às demandas apresentadas pela mãe de Fernanda. Ela nos apresenta uma garota de quatro anos retraída, tímida e com certas dificuldades diante de cenários estranhos, dando ênfase à figura masculina. Por estar apresentando esta demanda para estudantes de psicologia, podemos concluir que a mãe de Fernanda encara estes modos de ser de sua filha como problemáticos, no mínimo preocupantes. Agora, o que seria prontamente velado diante de nós se de início já assumirmos Fernanda como uma garota deficiente de acordo com uma norma distante da vivência de Fernanda? Ora, a manifestação originária da mesma, rica matéria-prima do trabalho aqui presente. Vejamos então o que um olhar atento percebeu no encontro com Fernanda.

¹ A obra mencionada (Criança e Infância: Fundamentos Existenciais - Clínica e Orientações) foi lançada no dia 25 de Maio de 2018, menos de duas semanas antes do prazo de entrega do trabalho aqui presente. Portanto, devido à situação temporalmente falimentar, não foi possível se apropriar de uma compreensão mais completa da obra.

É inegável que, de início, a garota passou por momentos de estranhamento. Basta perceber como seu brincar nos primeiros encontros se configurou ou como Fernanda se portava no início de cada encontro e o que será notado é uma garota que pede por controle, que clama silenciosamente por previsibilidade e familiaridade prejudicando um certo potencial de espontaneidade ali presente. Todavia, isso não foi tomado por nós como algo problemático, mas sim, como algo de acordo com o que se espera de um ser-aí e seus anos de infância, o que foi explorado nos dois primeiros capítulos deste trabalho e que serão em parte resgatados agora, em linha com o que desvelamos sobre Fernanda. Colocamos forte relevância nesta passagem pois descobrimos que este é um aspecto fundamental da fenomenologia, não tomar o paciente como um doente. O sentido da terapia é deixar o paciente se mostrar, como foi feito aqui.

Casanova (2015) nos explica que “o ser-aí é um ente jogado em um mundo fático que constrói a sua dinâmica existencial a partir de uma familiaridade com esse mundo” (p. 101). Com isso explicitamos que a familiaridade, a previsibilidade e a confiança em um mundo sustentam o movimento de se lançar nas possibilidades que é o existir humano e, se isso se vela, o ser-aí tende a interromper sua mobilidade existencial. Ainda por cima, como vimos em nossos estudos, essa familiaridade não é imediata e deve ser conquistada na medida em que o ser-aí, desde bebê, se ocupa dos entes que lhe convocam, tendo tamanha importância que cumpre um papel na fundamental construção inicial de um sentido de realidade e temporalidade:

o bebê vai sendo temporalizado por meio da repetição de experiências, de modo que o mundo se mostre, numa dada maneira, previsível ao bebê, e por isso, confiável. Neste momento da trajetória existencial do bebê algum sentido de realidade (de mundo, de si mesmo) e de uma história pessoal já puderam então ser construídos (SODELLI & GLASER, 2016, p. 73).

Complementando, com a ajuda de Saito (2017), ao longo dos primeiros anos de vida da criança o papel do cuidador se mantém imprescindível pois ele

representa a base de segurança a partir da qual a criança expande seu mundo por se manter “sempre presente e disponível para o retorno da criança, na medida em que pode ser assustador demais para a criança este movimento de estar fora e não poder retornar” (p. 34).

Retornando agora ao estranhamento de Fernanda, ele nos mostra justamente uma criança que perdeu familiaridade ao se deparar com o ambiente terapêutico e, com isso, perdeu também certa mobilidade existencial. Tomemos como exemplo o episódio no qual Fernanda chorou na sala de espera quando ela antecipou a possibilidade iminente de ir ao encontro terapêutico sem a presença inicial da mãe: Fernanda se assustou com o mundo neste momento, se viu diante de um estranhamento e de um desamparo em uma ampliação que abarcou o estranho de forma abrupta demais, além da medida possível de mobilidade existencial para Fernanda naquele momento e, como é de se esperar, ela clamou pela mãe, pela cuidadora, pela segurança e familiaridade que ela representa.

É interessante notar também que, ainda nos primeiros momentos do processo de psicodiagnóstico, mesmo com a presença da mãe, Fernanda ainda se via diante do estranho e isso ficou nítido em seu brincar controlador, que se deu tanto com sua mãe quanto sem ela. De acordo com nossa interpretação este brincar mostrou que o estranhamento se manifestou para Fernanda como possibilidade de descontrole e imprevisibilidade, diante do que ela tentou resgatar o controle, possibilitando um brincar mais contido e menos espontâneo. A tonalidade afetiva que parecia tocar Fernanda neste momento era uma tonalidade do temor, que costuma ser “pela perda de um objeto presente ou virtual, pela cessação de um estado de coisas” (GIACOIA JR, 2013, p. 75).

Portanto, se Fernanda sente medo, por mais que seja uma experiência difícil para a criança, devemos nos contentar com isso e não nos preocupar, pois é sinal de um *Dasein* saudável. Vejamos o que Heidegger (2012) tem a dizer sobre medo:

O retroceder fundado no medo ante o que o medo abre, o ameaçador, tem o caráter da fuga. A interpretação do medo como encontrar-se mostrou: o diante-de-quê do medo é cada vez um ente nocivo do interior-do-mundo

que, a partir de uma determinada região, vai ficando mais perto no perto e que, no entanto, pode não nos atingir” (p. 519).

Então, se Fernanda teme, ela retrocede diante do estranho que a toca como ameaçador, como algo que a pode atingir, danificá-la, e isso só é possível porque Fernanda conquistou um sentido de si-mesmo que ela tenta preservar diante do ameaçador. Como já sabemos a esta altura, um sentido de si mesmo é uma das conquistas fundamentais do bebê *Dasein* que, a partir disso, tem o potencial de se lançar em um mundo cada vez mais amplo e o temor de Fernanda nos mostra justamente esta conquista. Além disso, o temor de Fernanda também nos mostra o potencial para se angustiar pois “o medo é a angústia que decai no ‘mundo’, angústia imprópria e, como tal, oculta para si mesma” (HEIDEGGER, 2012, p. 531). Sustentados por esta citação podemos interpretar que o sentido de si-mesma que Fernanda conquistou pode ser retirado pois, como já bem sabemos, *Dasein* não possui uma essência que o determina e deve conquistar a si-mesmo na medida em que ele é, que ele existe. Fernanda viveu a possibilidade de perda deste sentido inicialmente como medo, como a angústia decaída, e por isso vemos a possibilidade de se angustiar e tal possibilidade é imperativa para a conquista de um poder-ser mais próprio, algo para o qual Fernanda, felizmente, mostrou potencial.

Continuando, o temor de Fernanda foi uma manifestação positiva também pelo fato de ele não ter se manifestado como uma grande restrição e nos apropriamos de seu brincar descobridor para ampliar este pensamento. Cytrynowicz (2000c) esclarece que “na brincadeira, as crianças experimentam diretamente as suas descobertas, enquanto as descobrem” (p. 88), de tal maneira que a criança se liberta de certos significados de mundo, que ganham fascinante permeabilidade, e se lançam em um horizonte mais amplo e desconhecido, amparada por compartilhar de uma certa familiaridade com quem brinca com ela. Depois de compartilhar de um espaço minimamente familiar no encontro terapêutico, Fernanda fez exatamente isso na medida que pôde: em seu brincar, o outro, o estranho que ali assumiu a forma do masculino mas que, em sua essência, é o desconhecido, pôde se aproximar em toda sua imprevisibilidade, sendo colocado em um espontâneo relato compartilhado por

Fernanda na sua brincadeira, repleto de aventura e descoberta, configurando um verdadeiro brincar cuja a raiz, de acordo com Pompéia (2016), é aquela que “imprime na condição humana a disponibilidade para angústia” (p. 232).

Portanto, se lançando para além do real em um criativo enredo onde o boneco nomeado Fabrício é curado pela magia das Winx que, em seguida, lhe permitem arrumar o quarto que estava bagunçado com, onde Brandon e Kiko se beijam, onde as Winx precisam roubar os cristais mágicos das Trix em uma perigosa jornada, Fernanda nos mostrou sua criatividade, sua abertura para a surpresa e o seu potencial de disponibilidade para a angústia. Isso foi sustentado por Fernanda pelo fato que, no breve período de tempo que passamos com ela, foi possível criar proximidade e intimidade em uma relação onde era possível compartilhar a manifestação da angústia. “No compartilhar a angústia, que se origina do estar lançado para além do real, portanto, perigosamente lançado no vazio, onde não há nada que me sustente, a presença do outro me ajuda a me sustentar” (POMPÉIA, 2016, p. 233), sendo este outro o familiar, aquele que é próximo, papel que felizmente pudemos ocupar.

Os desenhos de Fernanda não estavam a parte deste movimento lúdico, estando repletos de significados permeáveis. Cytrynowicz (2000b) aponta que as crianças vivem em uma primazia do presente, em um forte envolvimento no imediato manifestado na impermanência dos significados em suas brincadeiras que constantemente se renovam. Não só as brincadeiras de Fernanda se deram dessa maneira, mas os seus desenhos também, cujos componentes se alteravam frequentemente, como o animal que ora era gato, ora cachorro. Porém, a experiência temporal de Fernanda mais se escancara quando observamos o modo que ela estruturava as histórias em seus desenhos. Quando pedimos a Fernanda que ela construísse um desenho completo para, em seguida, contar uma história sobre tal desenho, estávamos pedindo para que ela se projetasse em um futuro além do que ela podia se projetar no momento, ainda estando imersa em uma predominância do imediato. Portanto, ela contava a história na medida que desenhava pois ela lidava com as manifestações no presente, sem reter os significados com grande permanência e sem projetar enredos que se mantinham. Novamente, como vimos, isso é esperado para uma criança de quatro anos.

Todavia, houve um desenho que Fernanda não explorou amplamente, que foi o desenho de Flor, sua cachorrinha que havia morrido. Para introduzir a interpretação sobre a compreensão de finitude de Fernanda, usamos um trecho do livro “As Intermittências da Morte” de José Saramago no qual a Morte, personagem do livro, escreve uma carta falando sobre o modo que o homem lida com ela, cuja pertinência para este trabalho embasado pela fenomenologia é imprescindível:

Eu não sou a Morte, sou simplesmente morte, a Morte é uma coisa que aos senhores nem por sombras lhe pode passar pela cabeça o que seja, vossemecês, os seres humanos, só conhecem, tome nota o gramático de que eu também saberia pôr vós, os seres humanos, só conheceis esta pequena morte quotidiana que eu sou, esta que até mesmo nos piores desastres é incapaz de impedir que a vida continue, um dia virão a saber o que é a Morte com letra grande [...] (SARAMAGO, 2005, p. 112)

Com esse genial parágrafo vemos como cotidianamente lidamos com a morte “como um evento extrínseco que chega até o ser-aí e o danifica de um modo irreparável” (CASANOVA, 2015, p. 131), sem vivê-la como a experiência existencial que escancara o poder-ser e sua ausência de sentido prévio, ou seja, como angústia que, no romance de Saramago, diferencia a morte com letra maiúscula da minúscula. Essa tendência existe justamente pelo fato que *Dasein* não suporta de início o seu próprio ser. Pois bem, retornando à Fernanda. Ela ainda não suporta a vivência de seu ser-para-a-morte, mesmo que a finitude já esteja começando a convocá-la, como quando ela perdeu sua cachorra, Fernanda a nega pois esta compreensão ainda não é possível para ela, recusando desenhar a sua cachorra. Porém, ela está em vias de alcançar esta compreensão que, por mais dolorosa que seja, é o que permite a conquista de um poder-ser singular, justamente pelo fato de ela negar suas convocações: ela comenta sobre a Flor, ela escolhe suas atividades pensando em um tempo que, de alguma forma, ela já entende que se esvai, ela conhece morte e, por isso, tem o potencial para ser tocada por a Morte.

Mostramos, enfim, nesta discussão, a compreensão sobre Fernanda, uma criança saudável que se encontra no caminho onde *Dasein* encontra a tarefa

inexorável de cuidar sempre de seu próprio ser. Portanto, o que a levou para um trabalho de psicodiagnóstico? A própria angústia da mãe, derivada de uma possibilidade de erro. Como vimos nos relatórios, quando Fernanda foi informada que o processo terapêutico estava chegando a um fim sua resposta foi aliviado “ufa, ainda bem” (sic). Ou seja, não era desejo dela entrar em terapia e nunca foi, tal iniciativa partiu de sua mãe. Porém, a timidez e o retraimento que a mãe de Fernanda apresentou como queixas eram, como Cytrynowicz (2018) coloca, “modos como somos afetados e sentimos em nosso constante envolvimento com o mundo” (p. 268), eram tonalidades afetivas, não eram problemas. Porém, interpretamos que devido a um divórcio conturbado nos meses iniciais da vida de Fernanda que resultou na ausência de uma figura masculina mais presente em sua vida, a mãe de Fernanda temeu ter errado no cuidado com sua filha, resultando em uma criança problemática. Todavia, asseguramos a mãe de Fernanda que sua filha estava bem, afirmação que só pôde ser sustentada por um contato terapêutico próximo à vivência da criança ela mesma, obrigação de todos os bons terapeutas.

Considerações finais

É um desafio se propor a entrar em contato com um fenômeno assim como ele se manifesta, originariamente. Precisamos nos despir de técnicas, de teorias científicas e de referências distantes para sermos tocados pelas inseguranças e angústias daqueles que nos encontram. Por mais desafiador que seja, tal tarefa é o pilar que sustenta todo este trabalho: o compromisso que assumimos de mostrar como se dá um encontro terapêutico com uma criança, a partir do método da fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger.

De tal maneira atingimos o resultado de não tomar Fernanda como doente, como portadora de um problema ou de uma deficiência emocional ou intelectual, mas sim como uma garota que está tendo que cuidar de sua própria existência em um mundo que se expande, em um tempo que se mostra cada vez mais como finito, sendo convocada pelos entes que lhe vem de encontro e sendo tocada por eles nas mais diferentes disposições, tanto prazerosas quanto temerosas. Somente assim podemos nos aproximar do mundo que Fernanda habita com a esperança de auxiliá-la no processo de ampliação no qual ela se encontra.

Como vimos, a conquista de um poder-ser mais próprio exige um processo de amadurecimento existencial árduo e desafiador. Um dos modos de cuidar que apresentamos aqui, e que tendem a apontar para um sentido promissor, é o do cuidado solícito, aquele que não encerra mas de-limita fundamentos possíveis a partir dos quais a criança se projeta corajosamente. O contrário disso, o que evitamos fortemente, é impor sentidos à criança que não se afinam à existência dela. Por exemplo, ao ouvimos a demanda sobre o retraimento de Fernanda, não decidimos impor o modo-de-ser pré-fabricado de ser menos retraída, mas a reconhecemos em sua singularidade, desvelando o sentido de seu retraimento.

Com essa mensagem, esperamos que o trabalho aqui concluído inspire mais produções neste sentido.

Referências bibliográficas

ALBERTIN, P. V. Uma compreensão fenomenológica do mundo infantil: a trajetória do dasein bebê à apropriação da temporalidade extática. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

CASANOVA, Marco Antonio. *Compreender Heidegger*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. - (Série Compreender).

_____. *A falta que Marx nos faz*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita, 2017.

CYTRYNOWICZ, M. B. A trajetória humana: uma perspectiva daseinsanalytica. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, v. 9, p. 44-53, 2000a.

_____. O mundo da criança. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, v. 9, p. 73-89, 2000c.

_____. O tempo na infância. *Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse*. São Paulo, v. 9, p. 53-73, 2000b.

_____. *Criança e Infância: Fundamentos Existenciais – Clínica e Orientações*. 1. ed. São Paulo, SP: Chiado, 2018

GIACOIA JR, Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. 1. ed. São Paulo, SP: Três Estrelas, 2013.

GLASER, Priscilla Andrea. *Educação infantil na era da técnica: Des-caminhos para o Poder-ser mais Autêntico*. (2012). Dissertação (Mestrado em Psicologia Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GLASER, Priscilla Andrea; SODELLI, Marcelo. Acontecência humana: reflexões sobre o modo de ser para o início. *Perspectivas em Psicologia*, V. 13, n. 2, p. 67-74, Dezembro. 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 19. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

LOPARIC, Z. Origem em Heidegger e Winnicott. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL: ORIGEM EM HEIDEGGER E FREUD, 2006, Évora, 28-44. 2007.

MACHADO, M. M. *A flor da vida: sementeira para a fenomenologia da pequena infância*, Tese de Doutorado, Programa de estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

POMPÉIA, João Augusto. *Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas*. São Paulo: EDUC; ABD, 2016.

SAITO, Ana Carolina Ligerio. *Entre pais e filhos: uma investigação fenomenológica sobre o “cuidar”*. 2017. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2017.

SAPIENZA, Bilê Tatit. *Encontro com a Daseinsanalyse: a obra de Ser e Tempo de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica*. São Paulo: Escuta, 2015.

SARAMAGO, José. *As Intermittências da Morte*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SISTER, Taly. *Deixar estar – uma aproximação dos sentidos de realidade do modo de ser da psicose*. 2011. Trabalho de conclusão de curso, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2011.

SODELLI, Marcelo. *Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras da vulnerabilidade*. 2. ed. atual. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

Anexo

Entrevista inicial com a mãe de Fernanda, Roberta (nome fictício)

Gestação, parto e puerpério

1- Como foi a sua gestação?

. Planejada? Sim

.Qual foi a reação da família (pais, marido) ao saber da gravidez? Gestação muito curtida, aproveitaram cada momento. Descobriu no banheiro do trabalho devido a desregulações hormonais e atrasos na menstruação.

.Uso de substâncias (álcool, nicotina e drogas) Não (não bebe e não fuma)

.Emocionalmente, como foi a gestação pra você? Mãe relata que foi um momento único. Buscou acompanhamento médico desde os primeiros meses de gestação. Teve muitos cuidados em relação às restrições alimentares (tomava refrigerante escondido às vezes). Não desenvolveu desejos peculiares que são comuns na gestação.

.Quais eram as suas expectativas em relação ao sexo e características do bebê? Como você imaginava que seria? E o seu (ex) marido? Não criou expectativas em relação ao sexo e nem a características da criança.

2- Como foi o parto? Conte-nos o processo (destacar peso, comprimento e aspectos emocionais) O parto foi muito tranquilo. Foi de cesárea.

3- Como foram os primeiros meses pós-parto? Pra você e para a criança. Os primeiros momentos do pós-parto foram muito complicados, pois era uma mãe de primeira viagem, ainda faltava-lhe experiência de cuidados. “Me sentia insegura, perdida”. Foram momentos muito complicados. O pai ajudava nos cuidados.

Fernanda era uma criança que chorava muito, fazendo com que a mãe se sentisse incapaz de fazer algo para cessar o choro. Teve alguma ajuda de sua mãe (avó de Fernanda) nos cuidados.

Desenvolvimento motor e desenho

4- Quando começou a engatinhar? E a andar? Começou a andar com 1 ano

5- Ela tem contato com lápis e papel?

.Gosta de desenhar? Gosta muito de desenhar, de brincar de boneca, mas prefere assistir desenhos na televisão e no celular. Fernanda gosta muito do programa Winx, que conta a história de um grupo de fadas com super poderes. O programa traz algumas questões que despertam preocupação na mãe, tais como: relacionamentos (as fadas se relacionam romanticamente com outros personagens).

A mãe acredita que ainda não esteja no momento de Fernanda se aproximar de determinados tipos de conteúdos, principalmente relacionamentos. Devido a isso, ela tenta mediar e policiar Fernanda com o uso abusivo do celular para assistir esses desenhos, e estimula que ela brinque mais com desenhos e bonecas.

Desenvolvimento da linguagem

6- Quando apresentou as primeiras palavras? 1 ano e 8 meses (mamãe e papai)

7- Você reconheceu alguma dificuldade na fala da criança? Não reconheceu nenhuma dificuldade no desenvolvimento da linguagem e nem questões motoras.

Atividades e comportamentos cotidianos

8- Ela já vai na escola (creche, pré-zinho...)? Como é a vivência dentro da instituição?

. Ela gosta ou não? Com 1 ano, Fernanda foi para a creche. Ela está atualmente num processo de adaptação em outra escola. Antigamente, ela apenas se relacionava com outra menina que era da sua sala, usando-a como referência. A mãe relata que, quando a garotinha faltava, Fernanda sentia-se perdida e isolada, evitando contato com as outras crianças. Ela também relata que ela apenas se relaciona com garotas, tendo uma certa dificuldade em estabelecer contatos mais íntimos com meninos. A escola antiga trabalhava em atividades separadas por gênero (por exemplo: meninos vão brincar de futebol e as

meninas vão brincar de boneca), fato que a mãe achava muito ruim e alimentava essa dificuldade de relacionamento com meninos da sua idade.

No começo, as professoras reconheciam uma certa dificuldade de socialização, mas agora relatam que ela já está falando e se socializando mais.

Relacionamentos interpessoais

9- Como é a sua relação com ela hoje? A relação com a mãe é boa. Mas a mãe relata que ainda reconhece algumas dificuldades da Fernanda na comunicação. Ela percebe que a menina se abre mais com a sua avó, contato de maneira espontânea os eventos cotidianos do seu dia (o que fez no dia, por exemplo), e isso não é algo comum de ser feito com Roberta. Ela também relata que é convidada para brincar de boneca com a filha, e que nesses momentos ela consegue estabelecer uma comunicação menos restrita com a filha.

E a relação dela com os outros familiares?

A relação com a avó é positiva, sendo uma das poucas pessoas com que ela consegue se comunicar sem muitas restrições e timidez. A mãe relata que possui conflitos na educação, onde sua mãe tenta educar a menina de uma maneira diferente que ela, fato gerador de conflitos entre as duas. A avó é muito permissiva, e a mãe coloca mais limites. “Ela também solta algumas pérolas do pai dela, fala coisas que eu não gostaria que a Fernanda ouvisse sobre ele.”

. Como é a relação dela com o pai? Quais são as principais questões (positivas e negativas) que você reconhece nessa relação? Ele possui uma outra família de outro casamento?

A relação com o pai também é positiva. A menina passa alguns finais de semana na casa do pai e sempre retorna feliz e satisfeita. Segundo a mãe, o pai sempre ajudou a cuidar dela, mas poderia “ser melhor”. A mãe também relata que teve uma época em que o pai apenas queria ver a menina quando desejava. “As vezes ele estava perto da minha casa e dizia que queria vê-la, pois estava no bar da esquina bebendo cerveja.”

O pai possui outra família, e a mãe relata um episódio de agressão por parte da enteada do pai. Ela relata que Fernanda se queixava de agressões como tapas na mão e na cabeça. A resolução desse problema foi feita por um diálogo entre os três, onde Roberta fez com que Fernanda falasse para o pai o que acontecia quando as duas se encontravam; o pai aparentemente ficou surpreso com a informação, dizendo não saber que isso acontecia.

Roberta também relata que desconfia de que a filha anda mentindo muito (uma de suas principais queixas), e ela descreve um episódio em que Fernanda relatou que seu pai pediu para que escondesse algo dela. “Papai me falou para enganar você”. Ela também desconfia que o episódio da agressão possa ser mentira, ou alguma reação desproporcional (percepção exagerada de Fernanda) do que realmente ocorreu.

. Como ela reage à separação de vocês atualmente?

Ela era muito pequena quando eles se separaram. Roberta acredita que o clima desagradável e os conflitos intrínsecos que ocorriam nesse período do casamento podem ter surtido algum efeito no desenvolvimento (pois ela chorava muito). Ela descreveu um episódio em que Fernanda presenciou uma briga entre o casal, que foi quando o pai estava fumando maconha dentro de casa e foi confrontado por Roberto. Ela também relata que a ausência de uma figura paterna pode ter sido negativa para seu desenvolvimento (a família tem muitas mulheres e poucos homens).

. Como é o seu relacionamento com o pai?

Eles estavam juntos há 13 anos. A relação entrou em crise pela carência de comunicação. Ele começava a sair aos fins de semana e não avisava onde ia, deixando-a cuidar da filha sozinha. Relata brevemente que teve uma crise de pânico, chegando a consultar um psiquiatra.

Suspeitava de que ele poderia ter outra namorada (ou algum relacionamento extraconjugal), essa desconfiança começou a afetar a relação do casal.

No término, ele tentou conquistá-la com presentes, mas ela já estava decidida de que não queria mais, e acabou se mudando para a casa de sua mãe.

Hoje em dia eles possuem uma relação minimamente positiva, ela entra em contato por e-mail para fazer algumas cobranças (principalmente questões relacionadas a educação de Fernanda).

Segundo ela, isso é um processo em construção. Ela começou a fazer terapia e relata que é um grande auxiliador nessa tentativa de construir uma relação positiva com o pai de Fernanda.

. Ele está a par do encaminhamento de sua filha à clínica da PUC? O pai foi informado de que Roberta procuraria acompanhamento psicológico para a filha, mas a sua recepção foi de desconfiança, dizendo “Mas pra que?”

. Você concordaria se o pai fosse chamado para uma entrevista na clínica? Roberta apoiou a ideia de convocar o pai para uma conversa, assim poderíamos ter uma diferente percepção sobre os acontecimentos na vida da Fernanda.

Psicodiagnóstico

10- Fernanda já passou por outros tipos de atendimentos psicológicos? Não, este será o primeiro.

11- Você já conversou com ela sobre o porquê de seu futuro tratamento aqui? Não, mas orientamos para que ela comece a preparar Fernanda para receber nosso atendimento, informando-a que irá encontrar semanalmente dois amigos de sua mãe para conversar e brincar, facilitando nossa construção do vínculo terapêutico.

Episódio de pânico da Fernanda - A mãe relata que, ao encontrar um de seus ‘tios’, Fernanda fez uma cara de desespero e logo foi procurar abrigo no colo de sua mãe. O rapaz ficou muito sem graça pois não tinha feito nada com ela para que ela reagisse dessa forma. Isso é comum nos encontros com homens no geral, mas não com uma proporção tão exagerada como esta.

Relatórios:

1º encontro

O nosso primeiro atendimento com a cliente ocorreu no dia 28 de agosto de 2017 na Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic, no horário das 20h. Fernanda entrou na sala com a mãe, trazendo consigo alguns de seus brinquedos. A princípio, estava um pouco envergonhada, escondendo-se atrás da mãe, carregando consigo uma folha de papel, um estojo de canetinhas e um livro da Cinderela.

A caixa lúdica estava no centro da sala com alguns brinquedos espalhados, porém Fernanda se sentou em um dos bancos sem interagir com a caixa logo de início. Ela ficou colorindo um de seus cadernos de desenho da Cinderela, com suas canetas, enquanto os estagiários, sentados no chão, e a mãe de Fernanda ficaram interagindo com a caixa lúdica e tentando conversar com a garota.

No começo, Fernanda apoiava-se na mãe como mediadora da palavra pois, sempre quando era questionada, olhava para a mãe solicitando uma resposta para as questões, mas neste momento tivemos ajuda de sua mãe, que sempre contornava a reflexão para os estagiários, dizendo: “Mas você que deve responder, a pergunta foi pra você”.

Em poucos minutos, Fernanda já estava interagindo com os estagiários sem ser mediada pela mãe. Fernanda mostrou a um deles seu caderno da Cinderela e começou a conversar sobre seus interesses, como o desenho “O Clube das Winx” e “Patrulha Canina”. Enquanto isso, ela desenhava em um de seus cadernos de colorir e os estagiários, junto com sua mãe, desenhavam em seus papéis sentados no chão. Neste momento, Fernanda já não estava sentada na cadeira, mas estava no chão junto aos estagiários e à sua mãe.

Enquanto conversavam sobre seus interesses, os estagiários apresentaram à Fernanda os conteúdos da caixa lúdica, porém, ela continuava a interagir apenas com seu próprio caderno, usando seu próprio material de colorir. Ao longo desta conversa, Fernanda também mencionou sua escola, dizendo gostar de lá e que, durante os recreios, ela brinca com três garotas e

um garoto, sendo esses quatro seus amigos. Relatou que sempre brincam de Clube das Winx no intervalo, mas que uma de suas amigas não gosta muito, e acabam por deixá-la brincando sozinha. 'Winx' conta uma história que envolve cinco adolescentes peculiares que se transformam em fadas, cada uma obtendo sua especialidade e poderes especiais, uma com poder da tecnologia, outra com o poder de bolha e outra com poderes de fogo. As personagens favoritas de Fernanda são: Bloon e Aisha.

Ao longo da sessão, Fernanda dirigiu sua atenção à caixa lúdica e os bonecos de pano chamaram sua atenção. Ela começou a interagir com a família de bonecos brancos e distribuiu papéis entre os estagiários e sua mãe. Gabriel seria o pai, chamado Fabrício, Felipe seria o filho bebê, chamado Baby Joe, e sua mãe seria a mãe da família na brincadeira. Em seguida Fernanda teve a ideia de montar uma festa de aniversário para Baby Joe, chamando para esta festa os outros bonecos das duas famílias. Ela encarregou o pai, interpretado por Gabriel, para convidar as outras pessoas para a festa enquanto Fernanda, brincando com a filha da família, e sua mãe fariam o bolo, que foi feito com peças de montar.

Toda o cenário da brincadeira estava sistematicamente organizado. Os convidados mais velhos se sentaram juntos, os dois bebês ficavam nos berços, um ao lado do outro e os convidados mais novos ficariam brincando com os animais de brinquedo, que também estavam enfileirados em uma parte específica do cenário. Gabriel, brincando com um dos bonecos que representavam a figura de uma criança, montou seu boneco em uma girafa de brinquedo, porém, Fernanda o proibiu de fazer isso pois, de acordo com ela, isso quebraria o brinquedo, que deveria se apenas manipulado, não montado.

Conforme a sessão se aproximava do fim os estagiários começaram a encerrá-la, sugerindo à Fernanda que se cantasse o parabéns. Os estagiários, Fernanda e sua mãe cantaram juntos. Em seguida, eles começaram a guardar os brinquedos, com a ajuda de Fernanda, e a sessão foi encerrada.

2º encontro

No encontro de hoje, que ocorreu no dia 4 de setembro, os estagiários atenderam Fernanda sozinha pela primeira vez. Ao buscarmos ela e sua mãe a

criança demonstrou um pouco de receio no momento em que falamos que ficaríamos apenas os três na sala. Reconhecendo tal estranhamento, começamos a abrir a caixa lúdica com sua mãe ainda na sala, mas que já estava consciente de que teria que sair.

Fernanda pegou todos os bonecos que brincou na última sessão, e trouxe a mesma contextualização e organização da semana passada. Ela começou a montar o cenário de aniversário com todos os convidados e fomos designados com os mesmos personagens, Felipe como Baby Joe, Gabriel como o pai, Fabrício, sua mãe como a mãe da brincadeira e ela mesma como filha. Após começarmos a organização da festa, a mãe se retirou da sala dizendo que iria pegar um copo de água.

Fernanda não apresentou nenhuma reação quando a mãe saiu da sala, pois ela acreditava que ela somente iria buscar um copo de água, mas a sua expectativa com o retorno de sua mãe se manifestou ao longo da sessão, onde ela olhava para a porta assiduamente e comentava que a mãe estava demorando para voltar. Mas em nenhum momento deixou de brincar e interagir com os estagiários.

Mesmo com a ausência da mãe, Fernanda continuou a brincar com os dois estagiários. Ela começou a enfileirar todos os animais, dizendo que parte deles iria viajar para um zoológico e outros para o acampamento, sendo que todos iriam viajar de caminhão.

Em meio ao cenário lúdico, de forma espontânea, Fernanda relata que foi trazida pelo pai nesse dia pois sua mãe estava demorando muito, o que resultou em seu pai ir buscá-la para a clínica de táxi. Além disso Fernanda mencionou que anteriormente ao atendimento, teve que passar no dentista para colocar uma ‘massinha’ no dente e que a dentista havia feito uma carta de recomendação para que ela não comesse doce durante o dia, para não estragar os dentes.

Reconhecemos que, no meio da brincadeira, Fernanda separava funções e atividades para a sua mãe, acreditando que ela voltaria para a sala, e mantendo grandes expectativas.

Enquanto alinhava os animais, foi questionada como os animais se sentiam. Gabriel escolheu um dos animais para que ela descrevesse como ele se sentia, e Fernanda relatou que ele se sentia feliz quando ele tinha comida por perto. Questionada quando se sentia triste, ela diz que quando ele não sentia

cheiro de comida por perto. Quando questionada qual dos animais ela seria, ela escolhe o cervo, e o nomeia de Bonitinho (cervo/veado), dizendo que escolheu esse animal por causa da cor azul, que é a sua favorita.

Para organizar as funções e as atividades do aniversário, o estagiário Gabriel propôs que fizéssemos uma lista com todas os afazeres. Fernanda escreveu tudo aquilo que achava necessário para o aniversário, e a lista foi composta por: cupcake, sucção, comida, nomear os convidados, nomear os bichinhos, sopinha e bolo de amora. Optamos por essa organização devido ao tempo do atendimento pois, para que todas as atividades fossem realizadas, teríamos que organizá-las e trazer uma linearidade para o pensamento de Fernanda.

Depois de construir a lista, perguntamos qual a atividade que ela gostaria de realizar primeiro, e ela disse que teríamos que montar os caminhões (aqueles que levariam os animais para o acampamento e para o zoológico), e terminar o bolo de amora (que era função originalmente designada para a sua mãe). Ela designou a função de montar o caminhão para o estagiário Felipe, enquanto ela e Gabriel decidiam qual a próxima atividade a ser realizada.

Após um tempo de reflexão, decidiu que montaria um total de dez Cupcakes com as massinhas de modelar. Ela usou a massinha de cor azul, vermelha e amarela.

Terminando o tempo da sessão, reconhecemos que não daria tempo de realizar todas as atividades, portanto, anotamos tudo o que deveríamos fazer para a semana que vem quando continuássemos a festa de aniversário. Fernanda disse que deveríamos terminar de fazer os ônibus, nomear os animais da fila do zoológico e do acampamento e acordar as pessoas da festa. Ela diz também que o pai (boneco do Gabriel) deveria acordar todos os convidados assim que os preparativos estivessem prontos.

3º encontro

No nosso terceiro encontro com Fernanda, como havíamos combinado anteriormente com ela e com sua mãe, ela deveria entrar sozinha na sala com os estagiários. Mas, na abordagem na sala de espera, ela começou a chorar e a

dizer que só entraria com sua mãe. Para evitar maiores exposições devido ao choro, aceitamos que ela subisse com a mãe.

Ao entrar na sala, ela incorporou uma posição de retraimento, e quando solicitada sobre as atividades da semana passada, ela dizia não lembrar de muita coisa do que tínhamos realizado. Devido a isso, pegamos a lista da festa do Baby Joe que havíamos construído em conjunto para retomar as atividades da sessão anterior. Mesmo Fernanda relatando não lembrar de nada, ao pontuarmos e revisarmos alguns itens da lista como, por exemplo, a construção do ônibus e nomear os personagens, ela foi relembrando vagarosamente.

Enquanto ela terminava de montar o ônibus, sua mãe se retirou da sala dizendo que iria esperar lá fora, pois esse era o combinado. Fernanda, para a nossa surpresa, teve uma reação contrária à que manifestou logo no começo do encontro, assentindo com a cabeça e não demonstrou nenhuma ansiedade ou desconforto com a retirada da mãe.

Mesmo apresentando um retraimento inicial, ao finalizar a construção do ônibus, ela começou a separar os convidados que ficariam sentados no chão e, segundo ela, estavam dormindo esperando a festa começar. Finalizando a organização, ela espontaneamente começou a nomeá-los, dentre eles, estavam: João, Fabrício, Fofinha e Lindinha. Ao nomear o boneco de Fabrício, Fernanda relata uma história pessoal, dizendo que existe um garotinho na sua escola com esse nome. Questionada se ele brincava com ela, ela relata que “... infelizmente ele não brinca comigo”, dizendo que isso não acontece pois ele brinca de super herói, e ela gosta apenas de brincar de Winx. Dentro da brincadeira das Winx, Fernanda incorpora a personagem que se chama Stella, que tem poderes do céu reluzente. Descrevendo a personagem, ela diz que gosta das chuquinha de cabelo, das pulseiras que a deixam mais forte e do anel que vira escudo. Sua amiga, Nicole, é a personagem Bloom, que é a personagem principal do desenho. Segundo relato de Ferndanda, Nicole, por ser a personagem principal, escolheu todos os outros personagens para as outras meninas, ‘mandando’ na brincadeira.

Ela também traz outro colega de escola no discurso, chamado Cauã que, segundo ela, é o menino que ninguém gosta de brincar porque ele morde todos os amigos, principalmente Nicole. Ela também relata que sua mãe a ensinou a se defender, dando algumas dicas de como lidar com o colega. Nesse contexto,

o estagiário Gabriel, na tentativa de obter uma compreensão mais objetiva do discurso de Fernanda, solicitou que ela usasse os bonecos para reproduzir a cena em que Cauã morde os amigos. Fernanda também relata que não gosta de meninos e nem de brincar com eles, apenas gostando de brincar com Henrique, pois ele gosta de brincar de Winx com o seu grupo.

Começamos a festa acordando todos os convidados. Fernanda era a responsável em ordenar e organizar, de uma maneira sistemática, as atividades que Gabriel realizaria. Ela solicitou que ele acordasse todos os convidados, um por um, com um boneco que se chamava Papai Lindinho. O boneco usado por Gabriel (Papai Lindinho) acordou um outro personagem que foi nomeado de Fofinho Fabrício.

De maneira espontânea, Fernanda começou a relatar que teria várias festas durante a semana, e que no dia de hoje ela iria na festa de seu primo na casa de sua tia chamada Ana.

Novamente ela traz associações espontâneas, dizendo que as vezes saia lágrimas de seus olhos quando os coçava. Quando questionada se ela gostava que isso acontecia, ela diz que não. De maneira abrupta, ela pede para voltar para a brincadeira, evitando o assunto do choro.

Ela solicita novamente que Papai Lindinho chamasse todos os convidados para colocarem roupas de banho para entrarem na piscina, e novamente demanda que Gabriel fizesse isso sistematicamente, chamando um personagem de cada vez. Com algumas gesticulações mais exageradas, Gabriel chamou os convidados coletivamente, e Fernanda pareceu aceitar essa abordagem.

Enquanto organizava alguns dos bonecos na piscina, Fernanda relata que sua avó foi a responsável por trazê-la aquele dia. A avó se tornou um tema central deste relato, onde ela diz ter dormido na casa da avó durante a tarde na hora do lanche. Ela vive entre a casa da mãe e da avó, dizendo que as vezes, quando dorme na casa da avó, ela dorme com ela enquanto sua mãe dorme no chão. As vezes ela também sai do seu quarto e vai dormir na cama da mãe, mas acaba levando 'bronca' de sua mãe, que diz que Fernanda tem sua própria cama e que não pode dormir com ela.

No momento de finalizarmos a brincadeira, questionamos qual era o nome da mãe do Baby Joe, que se chama Coraçãozinho Bonitinho, e seu pai se chama Fabrício Bonitão Formigão.

4º encontro

Ao ser chamada na sala de espera, Fernanda guardou os livros que ela estava lendo e subiu imediatamente com Gabriel. Ao chegar na sala de atendimento, Gabriel e Felipe apresentaram novamente a caixa lúdica, afirmando para Fernanda que ela poderia brincar com o que ela desejasse e, enquanto a sessão iniciava e os estagiários faziam suas conversas iniciais com Fernanda, a criança mexia constantemente em uma sacola de pokemon, na qual havia uma garrafa de água que a garota trouxe consigo. Nesta conversa, ela afirmou ter almoçado na casa de sua avó e que esta lhe presenteou com um ovo de chocolate, dizendo em seguida que sempre fica feliz com a presença da avó quando vai visitá-la.

Neste encontro Fernanda propôs uma brincadeira com um novo cenário. Ela pretendia montar um piquenique que, de acordo com Fernanda, seria um piquenique diferente porém ela se recusava a desenvolver a ideia quando Gabriel e Felipe perguntavam a ela sobre outros detalhes deste piquenique, sempre respondendo com “eu não sei”. Em seguida Fernanda começou a comentar sobre um piquenique que ela havia feito no parque da água branca e, quando Gabriel perguntou quando foi este piquenique Fernanda disse que “foi amanhã”.

Determinado para saber quais elementos que seriam constituintes do cenário da brincadeira, o estagiário Gabriel começa a perguntar qual seria o cenário e onde ocorreria o evento “na sua imaginação” e quem seriam os participantes. Após alguns instantes, Fernanda responde que ocorreria no parque da água branca e todas as famílias seriam convidadas. Após esclarecer o contexto, Fernanda se direcionou a caixa lúdica e começou a organizar os personagens sistematicamente da mesma forma que ela fez nos encontros anteriores, enfileirando-os em volta da caixa e colocando-os sentados pois, segundo ela, os personagens estavam relaxando e dormindo.

Diferentemente das outras atividades, quando Gabriel perguntava sobre os nomes dos personagens Fernanda se recusava a nomeá-los, inclusive o boneco que representava o pai que sempre era chamado de Fabrício e que agora, de acordo com Fernanda, seria o pai “sem nome”. Novamente, Gabriel foi designado a exercer o papel do boneco que representava o pai e deveria acordar todos os bonecos um de cada vez. Todavia, desta vez Gabriel tentou incentivar Fernanda a participar dessa atividade, usando uma outra boneca que seria a mãe da família, controlada por Fernanda para que ela pudesse ajudá-lo a acordar os familiares, mas ela se recusou.

Diante disso Fernanda falou “pena que a minha mãe não está aqui para ser a mamãe”. Em seguida Gabriel propôs uma reflexão dizendo que “na brincadeira todo mundo pode ser todo mundo, eu posso ser a mamãe, você pode ser o papai, e assim por diante”. Fernanda concordou mas diz “não saber falar como pai”. Para ilustrar, Gabriel personifica um boneco perguntando como seria a fala de um pai, dando dois exemplos: no primeiro deles Gabriel faz uma voz mais fina e delicada, no segundo, fez uma voz mais grossa e poderosa. Fernanda disse que ser pai estaria mais relacionado com o segundo exemplo.

Os outros bonecos ainda estavam dormindo, então Gabriel perguntou se elas sonhavam. Fernanda disse que todas elas sonham, mas que não queria contar o sonho de cada um, então Gabriel pediu para que ela contasse pelo menos o sonho de uma delas, mais especificamente o sonho da boneca que representa uma garota jovem. Fernanda diz que esta boneca está sonhando que está na torre da Rapunzel e que um boneco mais velho estava junto com a outra boneca fazendo companhia. Gabriel perguntou se ela gostava da torre e Fernanda disse que sim, porque “lá era lindo”.

Uma boneca estava debaixo da caixa, escondida pois estava com muito ciúmes de todos os outros bonecos que estavam dormindo. Essa boneca ficou responsável por chamar todos os outros para pegarem o avião que os levaria até o parque da água branca onde ocorreria o piquenique, pois o parque estava bem longe de onde os bonecos estavam dormindo. Gabriel tentou retomar a possibilidade de receber ajuda de Fernanda para acordar os outros bonecos mas, diferente da dinâmica anterior proposta para Gabriel de tomar a função de despertador dos outros, Fernanda decidiu assumir a atitude e acordar todos,

fazendo de uma forma geral e não seguindo o próprio padrão proposto, mas gritando para que todos acordassem ao mesmo tempo.

Preparando o avião, Fernanda diz que não tem medo de altura e nem de histórias de terror, e relata que sua mãe havia ensinado a não ter medo dessas coisas. Em seguida Gabriel perguntou para ela como que sua mãe havia ensinado isso e Fernanda respondeu falando que tem que respirar fundo e que assim perderia o medo. Diz também que as vezes tem que fazer isso pra dormir pois as vezes não consegue “dormir quieta”. Os estagiários tentaram conseguir uma explicação de Fernanda sobre o que seria “dormir quieta” e ela apenas disse que é quando sua mãe reclama que Fernanda está se mexendo muito na cama, podendo significar que Fernanda ocasionalmente dorme com a mãe.

Sistematicamente ela começa a levar boneco por boneco para o parque que ficava em cima de uma das cadeiras da sala de atendimento. Ela levava arbitrariamente cada boneco no avião e, diante disso, Gabriel começou a personificar alguns dos bonecos manifestando alguns de forma assustada, com medo de altura, porém isso pareceu apenas incomodar Fernanda. Depois dos passageiros, ela levou o bolo e as outras coisas do piquenique.

Ela fez com que gabriel entrasse em um ônibus, porque ele não poderia usar o avião, mas assim que ele chegou no evento Fernanda afirmou que o piquenique havia terminado, término que ocorreu antes mesmo de o piquenique começar, e os convidados retornaram para suas casas.

Nesse momento final da brincadeira, ela disse que a boneca Ana teria que acompanhar os bebês que estavam com tosse até o hospital, todos eles iriam embora de balão, representados pelas caixas de diferentes cores - vermelha azul e amarela. Colocou todos os convidados em todas as caixas-balões e retornaram para o chão (o real). O avião levou o bolo e as outras peças para o chão e, em seguida, Fernanda ajudou tranquilamente os estagiários a guardarem todos os materiais e foi levada de volta a sala de espera.

5º encontro

Assim como no encontro anterior, Fernanda entrou sozinha na sala de atendimento e trouxe um presente para os estagiários. Da última vez, ela nos

trouxe um doce de coco que a avó tinha feito, e nesse encontro ela nos trouxe uma bala.

Nosso contato inicial foi constituído por um diálogo mais consistente e consolidado. Existiu um diálogo entre ela e os estagiários, mas ainda apresentava uma excitação e resistência, e isso se mostrava quando ficava mexendo constantemente na sua garrafinha de água, como se fosse um objeto de distração. Ela nos contou uma história de que sua mãe tinha uma amiga fada, e que essa amiga fada que havia ajudado a arrumar e organizar o seu quarto. Quando questionamos como seria o quarto dos sonhos de Fernanda, ela responde que gostaria de ter um quarto da Tinker Bell mas, originalmente, seu quarto é inteiro branco.

Quando perguntamos o que havia feito na escola, ela disse que um de seus colegas tinha feito algo que deixou a professora brava, e que enquanto as pessoas comentavam sobre o ocorrido, ela ficou na sala brincando. Ela não desenvolveu o que realmente aconteceu. Também perguntamos se ela tinha brincado de Winx, sua brincadeira favorita do intervalo, mas infelizmente ela nos disse que não gostava mais de Winx. O motivo é que sua mãe a proibiu de ver o desenho e de brincar de Winx e, segundo Fernanda, se sua mãe diz que ela não pode mais, ela obedece. Mas, ao mesmo tempo, ela relata que ainda pega o celular da mãe escondido para ver o desenho.

Quando recebemos essa informação entramos em conflito com a atividade que havíamos planejado para o encontro. Seguindo as orientações da supervisão, montamos bonecos com as personagens principais do desenho para que Fernanda pudesse brincar. Mesmo com esse relato, decidimos apresentar os bonecos e ver qual a reação que ela poderia ter com a proposta da brincadeira.

Ao abrir a caixa e ver os personagens, Fernanda teve uma reação de rejeição imediata, *“Eu já disse que eu não gosto mais de Winx!”*, dizendo com uma cara e tonalidade na voz de agressividade. Respondendo a essa rejeição inicial com a atividade, perguntamos como era a relação que ela e seus amigos tinham com essa brincadeira. Ela relatou que só gostava do Henrique, o único menino que brincou de Winx com o grupinho das meninas. Dentro dessa reflexão, Fernanda evoca uma associação dizendo que não gostava de meninos, mas só gostava de meninas, dizendo que isso era um segredo que só tinha

contado para a sua mãe. Perguntamos se ela não gostava de meninos para brincar ou se havia um outro motivo, e ela relatou que isso era um segredo, e que só gostava de bebês, citando seu primo, Pedroca, e que gostava do vovô Mário. Quando solicitamos que ela citasse o nome de pelo menos um menino que ela gostava, ela diz gostar do Sky, um dos personagens do desenho Winx.

Para reconhecer de uma forma mais concreta, e aproveitando para usar o material separado para o encontro, solicitamos que ela escolhesse e separasse, dentre os bonecos, quais ela gostava e quais ela não gostava. Separou dois grupos, um com os dois bonecos homens (Brandon e Sky), e o outro com as bonecas mulheres (Bloom, Tecna, Flora, Stella e Musa). Ela relata que isso é uma atividade que ela faz em casa, separar os personagens em grupo.

Dentro dessa atividade, ela separou o grupo de meninos e meninas dos personagens e também pegou os bonecos de pano da caixa lúdica, também nestas categorias de meninos e meninas. Após essa organização, Fernanda disse que as meninas deveriam ficar na frente dos meninos, organizando o grupo dos meninos para que ficasse afastados do grupo das meninas. Subsequentemente ela fez uma roda com as personagens femininas, excluindo totalmente os personagens masculino.

Para obter algum tipo de interação, o estagiário Gabriel pegou um dos bonecos (que foi nomeado como Fabrício) para tentar entrar no grupo das meninas. Como uma postura reativa, Fernanda pegava o boneco de Gabriel e o jogava longe, esse padrão se repetiu 4 vezes até que Gabriel entortou a perna do boneco, para representar que as respostas reativas de Fernanda haviam quebrado a perna do boneco. Manipulando os outros personagens masculinos, Gabriel tentou estabelecer interação com Fernanda (que controlava as outras personagens) com os bonecos de Brandon e Sky, mas as interações, a princípio, eram evitadas por ela.

Gabriel propôs uma outra alternativa de interação, pedindo para as fadas que ajudassem Fabrício a se curar da perna machucada. Ele incorporou o personagem Sky e foi fazer a solicitação para as outras fadas, e elas aceitaram ajudar. A partir dessa solicitação, todas as fadas lançaram a sua magia para curar o personagem ferido. A partir dessa cooperatividade entre os personagens, Fernanda permitiu uma aproximação dos personagens masculinos.

Na construção do primeiro cenário, que era cindido entre os grupos de personagens masculinos e femininos, Fernanda usou sua garrafinha de água para simbolizar uma barreira, esta que não poderia ser ultrapassada pelos meninos. Após a cura do personagem Fabrício, ela disse que eles poderiam entrar e passar pela barreira.

Fernanda estabeleceu uma condição para que os personagens masculinos pudessem participar da brincadeira das meninas. Ela disse que, para ficar com elas, eles teriam que arrumar o quarto delas. Fernanda tirou todas as fadas do quarto para que Sky, Brandon e Fabrício arrumassem mas, após alguns segundos, ela interrompeu a atividade e disse que arrumaria sozinha.

Após essa atividade, uma nova personagem surge na brincadeira, chamada de Professora Faragonda, que é a diretora da escola onde os personagens estudam. Fernanda, que estava controlando a personagem, estabelece um diálogo com os garotos, controlados por Gabriel. Nesse diálogo, ela discute que estava proibido a entrada do menino que fosse o namorado da Bloom, aqueles que não foram namorado da Bloom poderiam entrar. A prof. Faragonda também disse que Sky, que era o atual namorado de Bloom, não poderia mais chamá-la de amor, e só deve chamá-la pelo nome. Depois disso, todos os personagens conseguiram entrar no quarto das meninas. Fernanda relata que as meninas estavam relaxando no quarto e que a entrada dos meninos não incomodava, e que poderiam ficar.

Como última proposta, Fernanda relatou que as fadas estavam preparando uma festa para a Bloom, mas como o nosso tempo já estava no limite, decidimos deixar a festa para a próxima sessão. Recolhemos os brinquedos com a ajuda de Fernanda e a levamos para a sala de espera.

6º encontro

No encontro de hoje, Fernanda chegou na clínica com sua avó e subiu sozinha, tal como nos outros encontros. Ao chegar na sala, relatou que havia faltado na semana passada pois tinha viajado com sua mãe e com sua avó para Ubatuba para visitar o Projeto Tamar, que é um projeto conservacionista brasileiro, que revolucionou a luta pela preservação de espécies ameaçadas de

extinção. Contando como foi a experiência, Fernanda relata que gostou muito da viagem, que havia tocado nas raias e observou os tanques das tartarugas. Relatou que ficaram na praia e que brincou muito na areia e na beira do mar, e que ficaram embaixo de um coqueiro em forma de cadeira. Para compreender, pedimos que ela desenhasse como seria um coqueiro em forma de cadeira (desenho em anexo). Perguntamos qual parte ela mais tinha gostado, e disse que ver as tartarugas foi muito divertido, e que sentia falta do Tio Temote, um amigo que fizeram na praia e que era muito atencioso com ela, com sua mãe e com sua avó.

Retomamos os aspectos que foram levantados na sessão anterior, onde brincamos de Winx com os personagens que o estagiário Felipe havia construído. Desta vez, acrescentamos mais alguns personagens masculinos, as vilãs (Trix), a Professora Faragonda, e o mascote chamado Kiko. Ao mostrarmos os bonecos, Fernanda foi relembando aqueles que eram os antigos e, ao mesmo tempo, vendo quais eram os personagens novos. Quando viu as Trix (as vilãs do desenho), ela teve uma reatividade e negação clara voltada para as personagens, dizendo: “Babacas, chatas e cara de vira-latas”. Quando questionamos o porquê dela ter essa reação, ela relatou que as Trix eram muito chatas e que tinham prendido a Musa.

Fernanda começou a separar os personagens em dois grupos: o grupo dos vira-latas e o grupo dos legais. No primeiro grupo, estavam as trix e todos os outros personagens masculinos. Dentro desse grupo, ela começou a montar pares e casais, por exemplo, Sky era par da Icy, e ficavam se beijando. Ao mesmo tempo em que Fernanda separava os casais que se beijavam, perguntamos o que ela achava sobre esse tipo de relacionamento, e ela respondia referindo-se a algo nojento, repudiado reação que já havíamos presenciado anteriormente durante os outros encontros quando nos aproximamos dessas temáticas de relacionamentos.

No segundo grupo, o grupo dos legais, estavam todas as personagens femininas, incluindo a Professora Faragonda, e o Kiko, mascote da Bloom. Fernanda colocou Brandon para beijar o Kiko, e questionamos o que ela achava de dois meninos se beijarem. Ela começou a dar risada dizendo que chamaria a sua mãe para ver o beijo “Queria que mamãe visse isso”. Após isso, ela relata que gostaria que sua mãe arranjasse namorado para que assim a mãe pudesse

beijar na boca mas, posteriormente ela desmente essa afirmação, dizendo que estava brincando e que não estava falando sério. Perguntamos, então, qual seria a sua reação se sua mãe arranjasse um namorado e o levasse para casa, e Fernanda respondeu que ele seria feio e chato.

Todos os personagens que estavam beijando foram presos em uma caverna. Era uma prisão para todos aqueles que estavam se beijando. Fernanda colocou as Trix do outro lado da sala, longe das Winx e dos cavaleiros. Kiko, por ter medo de escuro, ficou fora da caverna deitado em um berço feito com rede de futebol.

Fernanda pegou duas peças de um jogo de futebol de botão. uma vermelha e uma verde, dizendo que essas peças eram cristais que estavam sob domínio das Trix, e que as Winx teriam que resgatar esses cristais. Stella e Aisha foram as personagens escolhidas para recuperar os cristais. As Trix estavam se revezando em turnos para cuidar dos cristais, enquanto Stormy e Darcy dormiam, Icy cuidava dos cristais. Kiko também foi para o resgate dos cristais, e ficava mordendo os pés das Trix enquanto Stella lutava contra Icy. Segundo Fernanda, Stella era capaz de derrotar Icy, pois ela mora em Solária e tem um anel que vira escudo. Nessa missão, ao mesmo tempo em que Stella e Aisha conseguiram recuperar os cristais, Kiko foi capturado pelas Trix. Bloom, para recuperar seu mascote, lançou um feitiço que o libertou.

Ao retornarem para o castelo da Prof. Faragonda, outra situação problemática surgiu para as Winx. As Trix conseguiram roubar de novo os cristais e capturaram Kiko, mas agora, Fernanda relata que os cristais eram os responsáveis de dar a vida para os cavaleiros (personagens masculinos), portanto, as Winx precisam recuperar os cristais e salvar os cavaleiros. Bloom e Helio (um dos cavaleiros), batalharam contra as Trix com feitiços e lutas, e saíram vitoriosos.

Após essa batalha, as Trix foram presas em uma bola de fogo e, segundo Fernanda, elas deveriam ser presas para irem embora de Alféia (reino das Winx). Com a prisão das Trix, as Winx recuperaram os cristais da vida e deram para os meninos, que estavam sem vida pois as Trix haviam tirado isso deles.

Em uma terceira tentativa de vingança, as Trix conseguiram escapar da bola de fogo e capturaram todos os personagens, incluindo a Professora Faragonda, Kiko e todos os cavaleiros. A única personagem que não foi

capturada foi Aisha, uma das Winx. Aisha entrou em confronto sozinha com as Trix para salvar seus amigos e os cristais. Fernanda, dentro desse confronto, disse que Aisha ganharia de todas as trix por ser invencível. Assim que Aisha derrotou as Trix, todos os outros personagens começaram a morder e comer as Trix, usando-as como refeição para depois serem jogadas no lixo.

Após isso, encerramos a sessão, guardamos os brinquedos na caixa lúdica e a levamos para a sala de espera.

7º encontro

No encontro de hoje elaboramos uma proposta diferente dos encontros anteriores. Para ter mais contato com as habilidades de produção gráfica e elaboração de histórias, usamos a técnica clínica chamada Desenho-história.

Fernanda entrou na sala de atendimento e conversou sobre sua nova cachorrinha, chamada Luna. Segundo ela, Luna fica na casa de sua avó, que tinha uma outra cachorrinha, chamada Flor, mas que tinha falecido. Elas também tinham planos para comprar um gato, mas a mãe de Fernanda não havia deixado. Descrevendo a cachorra, ela relata que ela é muito safadinha, e que, quando foram pegá-la, ela vomitou no carro do tio, o que causou um certo transtorno.

Seguindo as orientações do Desenho-história, solicitamos que Fernanda desenhasse um cenário, um desenho livre, e que, a partir do cenário e personagens, ela nos contasse uma história sobre o desenho. Pouco investida a princípio, com uma posição rígida e pouco investimento sobre papel, Fernanda desenha uma máquina de lavar roupa. Após solicitarmos que ela nos contasse a história sobre a máquina, ela começou a complementar o desenho a partir da sua própria narrativa. Quando ela disse que a máquina era da mãe, ela desenhou a mãe ao lado da máquina. A mãe foi atribuída com uma capa de super-heroína com super poder de 'bola de fogo'. Fernanda usa uma descrição em voz alta de suas próprias ações ao mesmo tempo em que desenha, por exemplo "Agora eu vou fazer a capa amarela" e "Agora eu vou desenhar os botões da máquina".

Quando perguntamos o porquê e qual a finalidade dos super poderes de sua mãe, Fernanda relatou que sua mãe o usaria para combater os ladrões.

Nesse momento, ela desenha um 'ladrão' com uma saia, dizendo que esse menino gostava de usar saias de meninas. Posteriormente ela desenhou uma pessoa de amarelo e que chamou de Paty, dizendo que era uma amiga de sua mãe e que estavam lavando roupa juntas na sua casa. Ao descrever o desenho que fez de Paty, ela aponta que ela tem um cabelão e que usa brincos de coração que se encaixam. Ela traz uma associação com um grupo que participa da sua escola, a 'Turma do Coração', título que a professora deu para a sala de Fernanda.

Trazendo a contextualização para o cenário e a história do desenho, Fernanda descreve a situação como um encontro entre Paty e sua mãe, que lavavam roupas juntas. Paty foi para a casa da mãe de Fernanda para conseguir lavar suas roupas. Após terminarem de lavar as roupas, elas iriam para a casa de Paty (nesse momento ela complementa no desenho um caminho para a casa da Paty).

Após finalizar o primeiro desenho, Fernanda começou a descrever uma outra cachorra que já teve contato, chamada Pepita. A Pepita foi uma cachorrinha que teve pouco tempo de contato pois, devido ao seu comportamento muito arteiro, eles a devolveram. Segundo Fernanda, eles tinham que colocar pimenta nos móveis da casa para que ela parasse de morder e estragar a mobília.

Fernanda trouxe um relato concatenado sobre todos os seus animais e organizou temporalmente a ordem em que eles foram sendo adotados pela família. Flor foi a primeira cachorrinha que eles tiveram, mas acabou falecendo devido à uma doença no ouvido e, para Fernanda, Flor era uma de suas favoritas. Pepita foi a segunda cachorrinha que apareceu, e que Fernanda mais gostava e achava muito bonitinha. Luna é cachorrinha mais recente, e que está morando na casa de sua avó, onde ela tem possibilidade de interagir e brincar com ela quando vai visitá-la.

Usamos esse contexto emergente na narrativa de Fernanda para solicitar um segundo desenho. Pedimos que ela desenhasse Flor, mas ela se recusou a desenhar porque ela gostava mais da Pepita, e que, segundo ela, estava com muitas saudades dela.

O segundo desenho é constituído por diversos elementos. Fernanda desenhou um animal chamado Lola. ela também desenhou o pensamento de

Lola, que se direcionava para uma comida que gostava. Ao lado de Lola se encontra uma caixinha de brinquedos de gatos e de cachorros. Lola é uma cachorra que emite um 'grito de gato'. A partir dessas descrições, solicitamos que ela explicasse como seria um cachorro com grito de gato, mas ela não soube explicar. Ao longo da construção do relato sobre o desenho, diversas vezes ela se refere dubiamente para o desenho, descrevendo-o ora como um cachorro, ora como um gato.

Após finalizarmos os desenhos, começamos a brincar com as bonecas das Winx para finalizar a sessão. Diferente dos outros encontros, Fernanda lembrou vagamente das atividades da semana anterior mas, ao se referir ao encontro da semana passada, ela disse “Eu lembro o que fizemos amanhã”, e concomitante ao discurso, gesticulou com o braço com um movimento retrógrado, como se estivesse se referindo ao passado.

A brincadeira aconteceu basicamente pela organização e separação dos meninos e das meninas. Os cavaleiros arrumaram o quarto das meninas, enquanto as trix ficaram de fora da brincadeira. Como estávamos no final da sessão, pouco se desenvolveu nesse cenário.

Ao finalizar sessão, introduzimos para Fernanda que aquele seria nosso penúltimo encontro, e que nosso processo estava acabando. Como resposta, ela disse com uma tonalidade de alívio “Ufa, ainda bem”. Como último encontro, solicitamos que ela escolhesse algum brinquedo especial para brincarmos na próxima sessão, e ela disse que levaria uma Barbie.

8º encontro

Nesse encontro preparamos a devolutiva para Fernanda. A construção do material foi baseada nas informações primordiais que coletamos ao longo dos nossos encontros com ela, levando em consideração os seus potenciais, dinâmicas, mecanismos psíquicos, modo de relacionamentos, construção de laços afetivos, entre outros.

Para promover uma identificação de Fernanda com a história, Aisha foi escolhida como a personagem principal (sendo esta a personagem que Fernanda sempre é nas brincadeiras). A professora Faragonda personificava a

figura materna, devido à sua autoridade e figura de respeito e referência para as Winx. Brandon e Sky são representações do estagiário Felipe e do estagiário Gabriel, respectivamente. Cada um exercendo uma função na história que remonta simbolicamente as vivências do processo. Construímos a história como se fosse um novo episódio do Clube das Winx, cuja trama circundava a personagem Aisha.

História

Em um belo dia na escola de Alfea, a Professora Faragonda decidiu chamar a fada Aisha para conversar em sua sala. A Professora estava um pouco preocupada com alguns comportamentos que Aisha estava apresentando, dentre eles: timidez e uma certa dificuldade para conversar e interagir com os meninos. A princípio, Aisha ficou um pouco confusa com o chamado de Faragonda, não sabendo o que esperar dessa conversa, mas tomou coragem e foi mesmo assim.

Ao chegar na sala de Faragonda, Aisha foi informada de que ela teria que passar por um processo muito especial com os meninos especialistas. Brandon e Sky foram escolhidos por Faragonda para receber Aisha um dia da semana para conversar e se aventurar nos mistérios do mundo mágico, mas Faragonda não lhe deu muitas informações sobre essa aventura, assim, Aisha teria que descobrir sozinha o que lhe esperava.

Muito curiosa e, ao mesmo tempo, com um pouco de medo, Aisha foi conversar com duas de suas amigas fadas, Bloom e Stella, que eram as namoradas de Sky e Brandon. Ao encontrá-las, Aisha exclama:

- *“MENINAS, MENINAS! Preciso muito conversar com vocês! A Faragonda me disse que eu terei que passar por uma aventura com os meninos! Mas estou um pouco nervosa sobre isso, eu nunca tive um contato tão íntimo assim com eles. O que devo fazer?”*

Na tentativa de consolar a amiga, com uma voz calma e transmitindo confiança, Bloom diz:

- *“Calma, amiga! Não precisa se preocupar! Os meninos são muito legais, eles adoram conversar e brincar com a gente! Tenho certeza de que eles*

farão coisas muito divertidas e legais com você! Não precisa ter medo, pode confiar neles.”

Depois de ser aconselhada pelas amigas, Aisha encontra Faragonda que a leva para uma sala bem escondida na escola, que ficava no topo de uma escada que parecia eterna. Ao entrar na sala, Aisha estava muito tímida e desconfiada, pois deu de cara com Brandon e Sky. Os dois especialistas foram muito simpáticos com ela, chamando Aisha para sentar e conversar com eles. No começo, era tudo muito estranho, pois Aisha não sabia muito bem o que fazer ali com duas pessoas que mal conversava, mas como ela era uma menina muito corajosa e forte, ela decidiu ficar com eles.

Aisha sempre conversava e brincava mais com Sky. Eles conversavam sobre muitas coisas, enquanto Brandon ficava observando eles conversarem, mesmo Aisha achando isso muito estranho. Aisha conseguia confessar alguns segredos que guardava de todos os outros. Uma vez, Aisha disse que não gostava de meninos, mas que só gostava de brincar com suas amigas fadas, principalmente Bloom e Stella, mas que, às vezes, deixava outros meninos se aproximarem e brincar com ela e suas amigas fadas. Aisha também revelou que gostava muito de bichinhos mágicos, e que adorava brincar com o Kiko, que era o mascote de sua amiga Bloom.

Um dos segredos que Aisha contou aos meninos era que ela admirava e gostava muito da Professora Faragonda, a respeitava e escutava todos os conselhos que recebia dela, sem nem pensar em desobedecê-la. Mas, as vezes ela dava umas escapadas e brincava de magia no ginásio da escola com as meninas, mesmo sabendo que Faragonda ficaria furiosa!

Ao longo das conversas, Aisha começou a confiar muito nos meninos! E começou a gostar muito de estar ali com eles, pois eles se tornaram amigos depois de tantas brincadeiras.

Aisha começou a perceber que os meninos podem ser legais tanto quanto as meninas! Que eles sabem conversar e brincar, e que ela poderia se divertir com eles da mesma maneira com que ela se divertia com suas amigas fadas.

Antes de conhecer os meninos, Aisha só brincava em grupos de meninas, e não aceitava muito bem a aproximação dos meninos. Uma vez, Aisha estava brincando de magia com as Winx, e um dos meninos se aproximou, o Riven

(namorado da Tecna). Ela não gostou muito disso, mas Riven disse que queria muito brincar com elas, que ele gostaria de ser amigo e se divertir com todos juntos. As meninas fizeram uma rodinha para decidir se ele poderia ou não participar e fizeram uma votação! Então decidiram que sim. Depois disso, Riven começou a brincar com as Winx todos os dias nos intervalos de aula, e elas gostaram muito.

Aisha começou a entender, então, que meninos podem brincar com meninas, que eles podem achar brincadeiras em comum em que todos possam interagir e se divertir. E que ela não precisa sempre brincar só com meninas, pois os meninos também são muito divertidos e legais!

Depois de longas semanas, Aisha voltou para a sala da Prof. Faragonda e decidiu contar tudo o que tinha aprendido com esses encontros com Brandon e Sky. Que ela entendia que meninos e meninas podem ser amigos, que eles são muito divertidos, e que ela não tinha mais medo ou vergonha de conversar com eles. Faragonda ficou muito feliz e orgulhosa de Aisha, dizendo:

- *Querida Aisha, que felicidade em saber que você é tão corajosa! Estou muito orgulhosa de você! Agora você tem a capacidade de brincar com todos aqui da escola Alfea.*

Depois dessa conversa, Aisha vai correndo para o quarto de suas amigas Winx contar tudo o que tinha acontecido nos encontros com Brandon e Sky. Ela conta com muita alegria sobre os bons momentos, mas conta aliviada também, pois todos esses dias exigiram que ela fosse forte para superar algumas dificuldades. Sky era meio zé mané as vezes e provocava Aisha, trazia desafios mas ela sempre os superava, deixando-o muito feliz de ter conhecido Aisha.

Mesmo tendo sido difícil, Aisha cresceu mais um pouquinho com Brandon e Sky, que sempre vão se lembrar de Aisha como uma menina forte, corajosa e divertida.

